

Instituto Universitário da Maia

Departamento de Ciências Sociais e do Comportamento

O duplo padrão sexual e a sua relação com a violência nas relações amorosas esporádicas
dos/as jovens portugueses

Ana Rita Noronha Fernandes Mourão

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Orientada por:

Professora Doutora Marisalva Fávero

Setembro, 2014

Ana Rita Noronha Fernandes Mourão

Nº: 26903

O duplo padrão sexual e a sua relação com a violência nas relações amorosas esporádicas dos/as jovens portugueses.

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Dra. Marisalva Fávero

Setembro de 2014

Agradecimentos

A realização desta dissertação de mestrado foi o processo mais difícil pelo qual passei em contexto académico. Houve momentos de determinação e momentos de desespero, mas no fim, o que importa é que consegui e isso graças a pessoas que contribuíram para que isso acontecesse.

Um grande obrigado...

- À minha orientadora pela motivação, inspiração para fazer diferente e pela tranquilidade nos momentos de maior desespero;
- Aos meus pais, pois são eles os pilares da minha vida e que me acompanham em todos os momentos;
- Ao Ricardo, por toda a ajuda, todo o apoio e por tudo aquilo que representa na minha vida. E principalmente por tantas vezes limpar as minhas lágrimas e me dizer: “vais conseguir”;
- À Laura, minha companheira deste percurso e com quem desabafei tantas vezes as minhas inquietações;
- À minha tia, Elisete, por toda a paciência com perguntas e dúvidas de momento;
- Por fim, mas não menos importante, aos meus amigos, pela compreensão nos meus momentos de ausência e pelo apoio a nunca desistir.

Porque sem vocês, nada disto seria possível...

A Violência nas Relações Ocasionais dos Jovens Portugueses

Resumo

A presente investigação teve como objetivo caracterizar a violência nas relações ocasionais dos jovens portugueses, avaliá-la em termos de perpetração e vitimização e relacioná-la com o duplo padrão sexual tradicional. O estudo foi conduzido junto de uma amostra de jovens com idades compreendidas entre 18 e 25 anos (N=239). Os dados foram recolhidos através de um questionário elaborado para esta investigação, visto não existir um que esteja validado para a população portuguesa, que avalie este fenómeno. Os resultados principais revelam uma predominância da violência psicológica, em detrimento da física e da sexual. Não foram observadas neste estudo diferenças significativas ao nível da violência, em função do sexo, ou seja, tanto rapazes como raparigas assumem o papel de vítima e de perpetrador nas suas relações ocasionais. Foi possível concluir que os jovens da amostra em estudo não aceitem um duplo padrão sexual tradicional e que este não está relacionado com a vitimização e perpetração da violência.

Palavras-chave: violência nas relações ocasionais; vitimização; perpetração, duplo padrão sexual

A Violência nas Relações Ocasionais dos Jovens Portugueses

Abstract

The presente investigation aimed characterize the violence in casual relationships of young portuguese, evaluate it in terms of perpetration and victimization and relate it to the traditional sexual double standard. The study was conducted among a sample of young people, with age between 18 and 25 years (N=239). Data were collected through a questionnaire developed for this research, since there is none validated for the portuguese population to evaluate this phenomenon. The main results show a predominance of psychological, rather than physical and sexual violence. In this study, wasn't observed significant diferences at the level of violence, by gender, in other words, men and women assume both the role of victim and perpetrator in their casual relationships. It was concluded that the youth in this study didn't accept the traditional sexual double standard and that this phenomenon isn't related with the victimization and perpetration of violence.

Keywords: violence in casual relationships; victimization; perpetration; sexual double standard

ÍNDICE

Lista de Abreviaturas/Siglas

Lista de Tabelas

Introdução

PARTE I- REVISÃO DA LITERATURA

Capítulo I- Violência nas Relações Ocasionalis

1. Adolescência e Relações Ocasionalis
2. Definição e formas de violência
3. Teorias Explicativas da Violência
 - 3.1. Intergeracionalidade da Violência
 - 3.2. Perspetiva intraindividual
 - 3.3. Influência do grupo de pares
 - 3.4. Violência de género
4. Violência nas Relações Ocasionalis- estudos Empíricos
5. Violência- processo unidirecional ou bidirecional

Capítulo II- Duplo Padrão Sexual

PARTE II- ESTUDO EMPÍRICO

- 1-Objetivos de estudo
- 2- Metodologia
 - 2.1- Amostra
 - 2.2- Instrumentos
 - 2.3- Procedimentos de recolha de dados
 - 2.4- Metodologia de tratamento de dados
- 3- Resultados
- 4- Análise e discussão de resultados
- 5- Limitações e implicações futuras

Conclusão

Referências Bibliográficas

Lista de abreviaturas/siglas

APAV- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

OMS- Organização Mundial de Saúde

DSS- Duplo Padrão Sexual

Lista de Tabelas

Tabela 1. Dados sociodemográficos da amostra

Tabela 2. Frequência das relações ocasionais, segundo o sexo

Tabela 3. Relação entre violência nas relações ocasionais e idade

Tabela 4. Relação entre o número de parceiros e violência vitimizada

Tabela 5. Análise das diferenças entre sexos, ao nível da violência vitimizada

Tabela 6. Análise das diferenças entre sexos, ao nível da violência perpetrada

Tabela 7. Percentagem de comportamentos abusivos perpetrados

Tabela 8. Percentagem de comportamentos abusivos sofridos

Tabela 9. Frequência das crenças face aos comportamentos sexuais dos homens e das mulheres

Tabela 10. Análise da Correlação entre a aceitação do duplo padrão sexual e a perpetração e vitimização da violência

Introdução

A presente dissertação diz respeito à fase final do Mestrado de Psicologia Clínica e da Saúde, representando uma investigação de caráter quantitativo, realizada no âmbito do projeto de investigação “Quando a face da violência é o sexo: Violência nas relações amorosas”, no Observatório da Sexualidade, ISMAI. Tem como objetivos avaliar a prevalência da violência nas relações ocasionais dos jovens portugueses, relacionar o fenómeno da violência nas relações casuais com variáveis como a idade, o sexo, o número de parceiros, verificar qual o tipo de violência que predomina junto dos jovens portugueses, entender o fenómeno da violência, em termos de vitimização e perpetração e perceber a relação entre a aceitação de um duplo padrão sexual tradicional e experiências de violência nas relações afetivas.

Os estudos desenvolvidos no tema da violência nas relações de intimidade quer a nível nacional, quer internacionalmente começaram por se focar no casamento/união de facto enquanto objeto de estudo, descurando os outros contextos relacionais, como as relações de namoro, as relações ocasionais e as relações homossexuais (Caridade & Machado, 2013). No entanto, os estudos empíricos desenvolvidos na problemática da violência demonstram que as faixas etárias mais jovens não estão imunes a este problema, demonstrando evidências de indicadores significativos de vitimação, perpetração e manutenção de discursos que legitimam a violência. De acordo com as estatísticas da APAV, para o ano de 2013, 3040 das vítimas são casadas, no entanto, o número de vítimas solteiras também é bastante significativo (2054), o que torna pertinente o estudo da violência em outros contextos relacionais, como é o caso do namoro e relações ocasionais.

É ainda possível observar-se um aumento das relações de curta duração entre os jovens, relações essas que podem durar horas, dias ou meses (Smeha & Oliveira, 2013). Neste sentido, o interesse em analisar a violência nas relações amorosas ocasionais surgiu para dar resposta à escassa investigação existente em Portugal, relativa a este tipo de relacionamentos. É fundamental contudo, o estudo científico desta problemática, pois o período da adolescência é caracterizado pelas variadas experiências relacionais, no sentido da experimentação, mas também da construção da identidade sexual e de género (Del Campo, Fávero, Ferreira & Silva, 2012).

Este estudo encontra-se dividido em duas partes, a primeira diz respeito ao enquadramento conceptual do tema, onde será abordado o fenómeno da violência, a adolescência, as relações ocasionais, o duplo padrão sexual, assim como estudos realizados

sobre os mesmos. A segunda parte engloba o estudo empírico, onde serão apresentadas as questões de investigação e os objetivos da mesma, apresentação da amostra e os instrumentos utilizados para a recolha e tratamento dos dados. A segunda parte abrange ainda os resultados do estudo, a discussão dos mesmos e as limitações que esta investigação apresenta.

Capítulo I: Violência nas Relações Ocasionais

1. Adolescência e Relações Ocasionais

A adolescência pode ser definida como uma transição desenvolvimental entre a infância e a idade adulta, que acarreta mudanças importantes quer ao nível físico, cognitivo e psicossocial. A adolescência tem a duração de aproximadamente uma década, desde os 11 ou 12 anos até aos 19 ou 20 anos. Nem o início nem o fim da adolescência são claramente marcados.

Esta fase, tempo de clarificação de valores e de tomada de decisões, é uma etapa imprescindível na aquisição e consolidação de estilos de vida saudáveis ou não, consoante as escolhas efetuadas pelos jovens (Ferreira & Torgal, 2011).

Tal como a adolescência não tem um início e fim marcados (Ferreira & Torgal, 2011), também não existe uma idade certa para quando estes se começam a interessar por relações amorosas. Numa primeira fase, tanto rapazes como raparigas começam a interagir com amigos do mesmo sexo. No começo da adolescência, já existe um interesse em fazer amizades com o sexo oposto e, mais tarde, já ocorrem interações entre rapazes e raparigas (Richards, Crowe, Larson & Swarr, 1998).

As relações amorosas dos adolescentes podem influenciar de forma positiva a formação da sua personalidade, assim como no desenvolvimento de aptidões sociais (Zimmer-Gembeck, Siebenbruner & Collins, 2001), sendo, desta forma o desenvolvimento de relações íntimas, a tarefa chave da adolescência (Short, Catalozzi, Breitkopf, Auslander & Rosenthal, 2013).

Na atualidade, é possível observarmos que os jovens adultos estão a envolver-se mais em relações amorosas de curta duração. Relações essas que podem durar horas, dias, semanas ou meses (Smeha & Oliveira, 2013).

Este tipo de relações, denominadas em inglês por “*hooking up*”, “*friends with benefits*” e como “*curtir*” e “*amizade colorida*” em português, são termos diferentes, mas que caracterizam o mesmo fenómeno- as relações ocasionais. De acordo com Wolfe (2000), este tipo de relação envolve sempre experiências sexuais, mas a natureza e extensão dos comportamentos pode variar. São ainda relações que não exigem comprometimento emocional. Por exemplo, um estudo desenvolvido por Fielder e Carey (2010), com estudantes do sexo feminino, concluiu que a maioria das experiências envolvia beijos (98% dos casos), em 67% havia toque nos seios e 56% envolvia tocar nos genitais por fora da roupa. Segundo

Mongeau, Knight, Williams, Eden e Shaw (2013), a extensão e natureza da relação ocasional varia em função do tipo de ligação que os jovens têm, ou seja, o que para certos indivíduos pode significar relações sexuais, para outros pode envolver atividade sexual menos íntima, como beijos. Neste estudo, foram encontrados sete tipos de relação ocasional a) relação amigos verdadeiros, onde existe uma afinidade e preocupação com a pessoa com quem mantém uma relação íntima; b) a relação é de apenas sexo, em que não existe uma preocupação especial com a pessoa, no entanto ela estará lá para quando ambos quiserem curtir; c) relação de oportunismo, caracterizada por ser uma amizade normal, com quem é possível sair e falar, mas com a diferença que, no fim da noite, acaba por se relacionar sexualmente; d) a transição de sucesso é quando este tipo de relações é intencionalmente utilizada na tentativa de iniciar uma relação de compromisso mais sério, como é o caso do namoro; e) a transição não intencional, pelo contrário, é uma relação que começa sem intenção de se tornar em algo mais sério, no entanto isso acontece; f) a transição falhada, que se caracteriza por ser uma tentativa de um dos intervenientes em tornar a relação mais séria, no entanto, isso não acontece; e por último g) a transição de saída, que reflete a interação sexual entre duas pessoas que já estiveram envolvidas em relações sérias, no entanto, no momento são apenas amigos.

Este estudo, de Mongeau e colaboradores (2013) demonstrou que os tipos de relação ocasional que envolvem mais interação sexual são apenas sexo e de oportunismo, enquanto a relação de apenas amigos e transição não intencional refletem um carácter menos sexual.

Através do estudo de Smeha e Oliveira (2013) sobre os relacionamentos amorosos na atualidade, é de notar que os jovens, hoje em dia procuram relações para preencher uma carência, para momentos de diversão e companhia por uma noite. As relações atuais foram descritas pelos participantes com predomínio da individualidade, superficialidade, pouco investimento e instabilidade.

No entanto, um estudo levado a cabo por Chaves (2010), revela que não existe concordância nas opiniões quanto ao tipo de relação mais experienciada pelos jovens, pois existem alguns que caracterizam os relacionamentos como eram antigamente, no entanto, existem outros jovens que percebem as relações como desordenadas, instáveis, inseguras e frágeis.

No seu estudo com oito adolescentes, Erlandsson, Nordvall, Ohman & Haggstrom-Nordin (2012) concluíram que a diferença entre a relação ocasional e o namoro é que na primeira não existem exigências nem é necessário haver laços afetivos e existe uma maior independência, revelando os participantes do estudo que estas relações podem substituir as relações

românticas. No entanto, confessam que a intimidade existente numa relação ocasional não pode ser comparada com a proximidade de uma relação romântica.

2. Violência

Devido aos seus efeitos, a violência é um fenómeno que tem sido estudado por muitas disciplinas, tais como a Psicologia, a Genética, a Sociologia, a Criminologia, a Neurobiologia e a Filosofia, entre outras. Cada disciplina, possuindo o seu método próprio, tem como objetivo explicar e compreender as causas da violência (Durán & González, 2012).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a violência é o uso deliberado da força física ou domínio (real ou ameaça), contra si próprio, contra outra pessoa ou contra um grupo/comunidade, que resulte ou vise resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação (Krug & Dahlberg, 2002).

Em 1996, a Organização Mundial da Saúde declarou a violência como um problema de saúde pública, desenvolvendo a sua tipologia, caracterizando diferentes tipos de violência e a ligação que se estabelece entre eles. Esta categorização engloba três tipos de violência: autodirigida, violência interpessoal e violência coletiva.

No primeiro caso, perpetrador e vítima são o mesmo indivíduo. Este tipo de violência subdivide-se em comportamento suicida (incluindo pensamentos e tentativas) e agressão autoinfligida (que engloba atos como a automutilação).

A violência coletiva diz respeito à violência perpetrada por grupos de indivíduos e pode ainda ser subdividida em social, política e económica. A violência na comunidade incorpora violência entre jovens, violação ou coerção sexual por desconhecidos e violência em instituições, como escolas, locais de trabalho, prisões e asilos.

Por fim, a violência interpessoal refere-se a violência entre indivíduos e subdivide-se em violência na família e do parceiro íntimo e violência na comunidade. A violência na família inclui formas de violência como o abuso infantil, violência entre parceiros íntimos e maus tratos a idosos.

Quanto ao enquadramento legal deste crime, o Código Penal Português contempla a violência conjugal como predominante, no entanto, pode integrar-se aqui outras formas de relacionamento semelhantes às de casamento, como é o caso das relações de namoro e ocasionais.

Artigo 152.º - Violência Doméstica

1. Quem, de modo reiterado ou não, infligir maus-tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais:

- a) Ao cônjuge ou ex-cônjuge;
- b) A pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação de namoro ou análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação;
- c) A progenitor de descendente comum em 1º grau; ou
- d) A pessoa particularmente indefesa, em razão de idade, deficiência, doença, gravidez ou dependência económica, que com ele coabite;

é punido com pena de prisão de um a cinco anos, se pena mais grave lhe não couber por força de outra disposição legal.

2. No caso previsto no número anterior, se o agente praticar o facto contra menor, na presença de menor, no domicílio comum ou no domicílio da vítima é punido com pena de prisão de dois a cinco anos.

3. Se dos factos previstos no n.º1 resultar:

- a) Ofensa à integridade física grave, o agente é punido com pena de prisão de dois a oito anos;
- b) A morte, o agente é punido com pena de prisão de três a dez anos.

4. Nos casos previstos nos números anteriores, podem ser aplicadas ao arguido as penas acessórias de proibição de contacto com a vítima e de proibição de uso e porte de armas, pelo período de seis meses a cinco anos, e de obrigação de frequência de programas específicos de prevenção da violência doméstica.

5. A pena acessória de proibição de contacto com a vítima pode incluir o afastamento da residência ou do local de trabalho desta e o seu cumprimento pode ser fiscalizado por meios técnicos de controlo à distância.

6. Quem for condenado por crime previsto neste artigo pode, atenta a concreta gravidade do facto e a sua conexão com a função exercida pelo agente, ser inibido do exercício do poder paternal, da tutela ou da curatela por um período de um a dez anos.

O presente estudo, como já foi referido vai focar-se na violência interpessoal, especificamente contra o parceiro íntimo. A natureza dos comportamentos violentos citados anteriormente pode ser de carácter físico, psicológico, sexual e relacionado à privação ou ao abandono, no entanto, nos relacionamentos ocasionais os tipos de violência mais frequentes são o físico, psicológico e sexual (Krug & Dahlberg, 2002).

Mouzos e Makkai, em 2004, definiram a violência física como incluindo tanto agressões físicas, que dizem respeito ao uso da força com o intuito de provocar dano na vítima, como as tentativas ou ameaças de uso da mesma. São exemplos deste tipo de violência estaladas, pontapés, empurrões, puxar o cabelo, atirar com objetos, etc.

A violência psicológica pode ser definida como o conjunto de atos verbais/não verbais que causam ou têm intenção de causar danos no outro (Straus, 1979). Exemplos disso são comportamentos como é o caso do insulto, a difamação, impedir o contacto com outras pessoas, ameaçar (Mouzos & Makkai, 2004).

Por último, a violência sexual pode ser entendida como qualquer ato sexual ou tentativa de obter ato sexual, comentários ou investidas sexuais não desejadas e atos de tráfico sexual, através da coerção, intimidação, tentativa ou uso da força física por qualquer pessoa (Jewkes, Sem & Garcia-Moreno, 2002).

3. Teorias Explicativas da Violência nas Relações Amorosas

Existem diferentes teorias explicativas para a compreensão do fenómeno da violência nas relações amorosas na adolescência, sendo estas tanto de carácter social, como individual, contextual e situacional (Oliveira & Sani, 2009).

A OMS introduziu o Modelo Ecológico, um modelo de quatro níveis, que permite compreender a violência no contexto juvenil. De acordo com este modelo, a violência é o

produto da relação entre fatores individuais e contextuais, que influenciam o comportamento dos indivíduos.

O primeiro nível objetiva identificar tanto fatores biológicos, como da história pessoal que diz respeito ao comportamento dos indivíduos. Este nível engloba as características da pessoa, que aumentam a probabilidade de ele vir a tornar-se vítima ou agressor.

O segundo nível examina como as relações próximas do sujeito (relações com parceiros íntimos, membros da família e amigos) aumentam o risco de vitimização ou agressão violenta. Pares, parceiros íntimos e membros da família, todos eles tem uma grande influência para modelar o comportamento de um indivíduo.

No terceiro nível analisam-se os contextos comunitários, nos quais estão incluídas as relações sociais, tais como escolas, locais de trabalho e bairros. As pesquisas nesta área revelam que as oportunidades para que a violência ocorra são superiores em alguns contextos, em detrimento de outros.

O quarto e último nível do Modelo Ecológico analisa os fatores mais significativos da sociedade, que influenciam as taxas de violência. Estão aqui inseridos os fatores que criam um clima aceitável para que a violência ocorra, os fatores que diminuem as inibições contra ela e os que criam e suportam divisões entre diferentes segmentos da sociedade ou tensões entre grupos ou países diferentes. Entre os fatores significativos da sociedade estão: as normas culturais que sustentam a violência, como forma plausível de resolução de conflitos; atitudes que consideram o suicídio como uma questão de escolha individual, em detrimento de um ato de violência evitável; normas que dão prioridade aos direitos dos pais sobre o bem-estar da criança; normas que afixam o domínio do homem sobre a mulher e as crianças; normas que apoiam o uso excessivo da força, pela polícia, contra os cidadãos e normas que auxiliam o conflito político (Krug & Dahlberg, 2002).

Em suma, o Modelo Ecológico foca as múltiplas causas da violência e a interação entre os fatores de risco, que atuam no interior da família (intergeracionalidade da violência), em contextos da comunidade, sociais (influência dos pares), culturais (violência de gênero) e econômicos.

3.1. Intergeracionalidade da violência

O Modelo da Transmissão Intergeracional da Violência é um dos modelos mais frequentemente estudado e aceite para a explicação da violência nas relações amorosas

(Capaldi, Knoble, Shortt & Kim, 2012). Este Modelo assenta nos pressupostos da Teoria de Aprendizagem Social de Bandura, que defende que a maioria dos comportamentos humanos aprendidos, são adquiridos através da observação dos comportamentos de modelos sociais (Bandura, 2001). Adotando a teoria da Intergeneracionalidade à temática da violência, podemos perceber que a observação de comportamentos e modelos de conduta violenta na infância, encontra-se na base da transmissão da violência intergerações (Oliveira & Sani, 2009). Ou seja, indivíduos que tenham sido vítimas ou testemunhas de comportamentos violentos no seio familiar, demonstram maior probabilidade de vir a desenvolver comportamentos violentos no futuro ou a serem vítimas nas suas relações (Gomes, Diniz, Araújo & Coelho, 2007).

Também Kerley, Xu, Sirisunyaluck e Alley (2010) encontraram relação entre a exposição à violência na infância e a perpetração ou vitimização, na fase adulta. De acordo com estes autores, esta relação não se trata apenas de exposição direta (experienciar violência), mas também de exposição indirecta, ou seja, presenciar a violência contra um parente ou irmão.

Segundo o estudo de Oliveira, Sani e Magalhães (2012), é possível assumir que existe uma relação entre testemunhar ou ser vítima de violência no seio familiar e viver relações futuras violentas, podendo o indivíduo ser a vítima ou o agressor. No seu estudo com estudantes do ensino secundário, estas autoras concluíram que, da totalidade da amostra (283 indivíduos), 63.6% tinham assistido, no seu seio familiar, a pelo menos um abuso emocional e 16.3% testemunharam abusos físicos.

Miller, Gorman-Smith, Sullivan, Orpinas e Simon (2014), realizaram um estudo, com o objectivo de avaliar a influência dos pais e dos pares na perpetração e vitimização dos jovens e concluíram que a primeira atua segundo dois fatores: o envolvimento parental e o suporte dos pais em soluções não agressivas. Rapazes que referiam ter um maior envolvimento dos seus pais nas suas atividades diárias, reportavam menores índices de violência física contra as suas parceiras. Por outro lado, raparigas cujos progenitores apoiavam soluções não agressivas aos problemas, mostram índices de violência física menores.

Roberts, Gilman, Fitzmaurice, Decker & Koenen (2010), conduziram um estudo com o propósito de determinar se o testemunho de violência do parceiro íntimo na infância está ou não associado com a perpetração de violência na fase adulta. Como resultados, encontraram uma forte associação entre as duas variáveis, o que lhes permitiu concluir que, homens que foram testemunhas de violência do parceiro íntimo na infância, têm maior probabilidade em cometer atos de violência na fase adulta.

Também Capaldi e colaboradores (2012), numa revisão da literatura acerca dos fatores de risco da violência do parceiro íntimo, concluíram que a exposição à violência entre os pais, no seio familiar continua a ser um dos fatores de risco mais investigado e aceite.

Através destes estudos podemos concluir que os progenitores são um importante contributo dos comportamentos agressivos dos rapazes e das raparigas (Miller et al., 2014).

3.2. Perspetiva intra individual

A compreensão da violência nos relacionamentos íntimos foi, desde cedo marcada por explicações de carácter individual, sendo particularmente apontadas características de natureza biológica e psicológica como causas da disfuncionalidade das relações. Nesta perspetiva, não põem de parte os modelos de aprendizagem social, no entanto vêm os fatores internos ao sujeito como a principal explicação para a perpetuação da violência nas relações íntimas (Oliveira & Sani, 2009).

As perspetivas intra individuais sobressaíram por terem sido as primeiras explicações teóricas a dar o seu contributo na explicação da violência nas relações íntimas. Este tipo de abordagens, para além de tentar entender as ações dos agressores, de acordo com as suas características biológicas e psicológicas, procuram também descrever a personalidade das vítimas e a sua vulnerabilidade psicológica para a ocorrência de abuso (Hyden, 1995). Segundo Sugarman e Hotaling (1989), as perspetivas intra individuais focam-se, essencialmente, nas experiências precoces de violência dos sujeitos (como a exposição à violência parental e a experiência de abuso na infância), em conjunto com fatores situacionais (como o consumo de álcool, conflitos na relação).

3.3. Influência do grupo de pares

Para viverem em sociedade, os indivíduos necessitam de pertencer a um ou mais grupos sociais. Só desta forma poderá ocorrer o processo de socialização através das inúmeras interações, que dá lugar à interiorização das normas, das crenças, das representações que acabam por construir a sua identidade individual e social. O grupo de pares coopera de uma forma decisiva para o processo de identidade social, que estabelece, por sua vez, a coluna vertebral do autoconceito. Podemos então referir que as relações com os pares são um fator importante, se não mesmo central, quando se fala em jovens adultos (Martins & Gomes, 2011).

Mais uma vez, tendo como base a Teoria da Aprendizagem Social de Bandura, os jovens podem assumir comportamentos agressivos, influenciados pela observação de determinados comportamentos dos seus pares (Oliveira & Sani, 2009).

Miller e colaboradores (2009) verificaram que os jovens que estavam envolvidos em grupos de pares desviantes, demonstraram níveis mais elevados de violência física.

Através da revisão da literatura elaborada sobre os fatores de risco na violência do parceiro íntimo, Capaldi et al., (2012) entenderam que o comportamento dos pares é um preditor forte e proximal dos comportamentos do adolescente.

Miller e colaboradores (2014), no seu estudo sobre os preditores de violência física nas relações dos jovens, concluíram que tanto rapazes, como raparigas que possuem amigos considerados desviantes, perpetram mais violência física contra os seus/suas parceiros/as.

De acordo com a OMS, estudos demonstram que os jovens são mais capazes de alinhar em atividades negativas, quando esses comportamentos são encorajados e aprovados pelos seus amigos (Mercy, Butchart, Farrington & Cerdá, 2002).

3.4. Representações Gerais sobre a Violência de género

Segundo a OMS, a violência de género é qualquer comportamento violento de carácter sexista, tendo como consequência provável ou autêntica danos ao nível físico, sexual ou psicológico, englobando as ameaças, a coação e a privação da liberdade, acontecendo em contextos fora e dentro de casa (Heise & Garcia-Moreno, 2002).

As teorias feministas deram, de igual forma, um contributo crucial para a compreensão da violência (Peixoto, Matos & Machado, 2013).

A violência contra as mulheres tem sido percebida como consequência de uma sociedade patriarcal, onde era esperado que as mulheres se submetessem aos homens. As mulheres eram vistas como propriedade dos seus marido sendo, deste modo, a violência dos homens entendida como uma forma de manter a sua dominância sobre a mulher (Langhinrichsen-Rohling, Misra, Selwyn & Rohling, 2012). A violência contra as mulheres é, portanto, o resultado da desigualdade de género (Ellsberg & Heise, 2005).

Morales-Reyes, Alonso-Castillo e López-García (2011), conceberam um estudo com 120 mulheres adultas, no qual verificaram que 99% da amostra relatou ter sofrido algum tipo de violência ao longo da vida, sendo que 42% referiu ter sido no último ano e 8% nos últimos 30 dias.

Também Dixe, Rodrigues, Freire, Rodrigues, Fernandes e Dias (2010), realizaram um estudo, com o objetivo de determinar a prevalência de comportamentos violentos na relação de namoro e comparar as práticas e comportamentos em estudantes do ensino superior, segundo o gênero. Como resultados, obtiveram que, em média, as práticas e comportamentos de violência são mais frequentes no sexo masculino do que no sexo feminino.

É ainda de referir um estudo levado a cabo por Cantera e Blanch (2010), em que pretendiam avaliar o grau de determinados estereótipos de gênero e sobre a violência de gênero, em si. Foi possível concluir que, as médias mais altas de ambas as formas de violência (física e psicológica), correspondem à direção de homem contra a mulher.

Um dos fatores que parece estar relacionado com a violência contra as mulheres, no contexto de relações amorosas é o número de parceiros com quem esta mantém relações de intimidade. De acordo com Koss e Dinero (1989), o número de parceiros que as mulheres possuem, é uma variável situacional que aumenta a sua vulnerabilidade nas relações amorosas. Também Bonomi, Anderson, Nemeth, Bartle-Haring, Buettner e Schipper (2012), no seu estudo sobre a violência nas relações amorosas de jovens, concluíram que mais de um terço das mulheres que relatavam ser vítimas de violência, possuíam dois ou mais parceiros no momento.

Silverman, McCauley, Decker, Miller, Reed e Raj (2011), no seu estudo sobre comportamentos sexuais de risco em 356 mulheres, com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos, concluíram que ter múltiplos parceiros está relacionado com experiências de violência nas relações das jovens adultas.

4. Violência nas Relações Ocasionais- estudos empíricos

A partir dos anos 80, do século XX, a violência nas relações de intimidade juvenil começou a ser pesquisada pelos investigadores a nível internacional, existindo um grande aumento de estudos nesta temática.

Através da investigação nesta temática, foi possível perceber que, existem já inúmeros estudos que revelam que a violência não ocorre apenas em contextos de casamento/união de facto (Connolly, Nocentini, Menesini, Pepler, Craig & Williams, 2010; Fernández-Fuertes & Fuertes, 2010; Reed, Silverman, Raj, Decker & Miller, 2011; Rey-Anacona, Mateus-Cubides & Bayona-Arévalo, 2010).

Os estudos internacionais relativos à violência nas relações de intimidade relatam percentagens de violência perpetrada e sofrida com valores importantes. Os dados mais elevados são reportados por Bonomi e colaboradores (2012), que no seu estudo com jovens adultos, concluíram que 64.7% de mulheres e 61.7% dos homens reportaram ter experienciado algum tipo de violência nas relações amorosas. O estudo de Dixe e colaboradores (2010) demonstra que, da totalidade da amostra (N:240), 9.1% relatou ter sido vítima de violência. Também Zorrilla et al. (2009) concluíram que das 2136 mulheres da amostra, 10.1% relatam ter sofrido algum tipo de violência pelo seu parceiro. Quanto à perpetração de violência, o estudo de Reed e colegas (2011) com uma amostra de 275 rapazes demonstrou que 28% admitiram já ter sido violentos com a sua parceira.

Também os dados nacionais vão de encontro a estes valores, tanto de violência sofrida como violência perpetrada. O estudo de Fávero, Vasconcelos e Del Campo (2012) teve como conclusões que, da amostra em estudo, 10.2% dos indivíduos relatam já ter perpetrado algum tipo de violência contra o/a seu/sua parceiro/a e 9.6% relatam já terem sido vítimas. Quanto ao estudo de Ferreira (2011), com 665 estudantes do ensino secundário, foi possível estimar que a prevalência da violência no namoro foi de 25.6%.

Antunes e Machado (2012), no seu estudo sobre a prevalência da violência nas relações afetivas, concluíram que 43.2% dos participantes admitiram ter perpetrado pelo menos um ato abusivo contra um/uma parceiro/a e 37.3% reconhecem terem sido vítimas.

Quanto ao estudo de Oliveira, Sani e Magalhães (2012), foi possível concluir-se que 37.6% dos 133 indivíduos que mantinham relações amorosas, já tinham tido pelo menos um comportamento agressivo para com o/a seu/sua parceiro/a; e 57% relatou já ter sido vítima de abusos.

Tendo em conta este panorama, perguntamo-nos se esta realidade também se verifica no contexto das relações ocasionais.

Quanto ao tipo de violência mais perpetrada e sofrida nas relações de intimidade, a violência psicológica surge como a mais frequente em ambos os casos, tanto no estudo desenvolvido por Fernández-Fuertes e Fuertes (2010) como nos resultados de Rey-Anaconda, Mateus-Cubides e Bayona-Arévalo (2010), seguida pela violência física. Contrariamente a estes resultados, Reed, Silverman, Raj, Decker e Miller (2011), no seu estudo com adolescentes do sexo masculino, encontraram maior prevalência da perpetração de violência sexual (41.8%), seguida da violência física (9.8%) e, com menor prevalência, a violência psicológica (6.9%). Contudo, esta prevalência é muito superior às dos restantes estudos.

No que se refere às relações ocasionais, verificamos que não tem sido um contexto de violência explorado pelos investigadores e menos ainda em Portugal.

Segundo um estudo elaborado por Conolly, Nocentini, Menisini, Pepler, Craig e Williams (2010), em que foi comparada a violência nas relações de namoro e casuais dos adolescentes do Canadá e de Itália, as diferenças entre a violência não foram significativas, pois 33% dos canadianos e 34% dos italianos reportaram pelo menos um ato de violência com um parceiro íntimo atual ou passado. No que diz respeito ao estado da relação, 46% revelam que a violência deu-se no contexto de um encontro casual e 54% em um namoro.

Encontramos algumas respostas sobre frequências e características da violência vivida e perpetrada, mas muitas outras ficaram por responder, sendo o objetivo da nossa investigação, preencher algumas lacunas relativas a este problema, ou seja, explorar as características da vitimização e da agressão numa amostra de jovens e no contexto das relações ocasionais.

No estudo de Halpern-Meekin, Manning, Giordano e Longmore (2013), da totalidade da amostra (N:792), 40% dos jovens reportaram violência física e mais de metade (52.51%) reportaram violência verbal. Também Zorrilla e colaboradores (2009), através do seu estudo com 2136 mulheres puderam concluir que 10.1% destas relatou ter sido vítima de algum tipo de violência no último ano, sendo que 8.6% foi violência psicológica, 2.4% violência física e 1.1% violência sexual.

Os estudos nacionais realizados quer em contexto de namoro (Fávero et al., 2012), quer nas relações ocasionais (Oliveira & Sani, 2005; Antunes & Machado, 2012; Caridade & Machado, 2012), obtiveram resultados que corroboram parte das evidências empíricas internacionais.

No estudo de Antunes e Machado (2012), 72.3% da amostra investigada, relatou já se ter envolvido em relações afetivas ocasionais. Destes, 43.2% afirmaram já ter cometido pelo menos um ato violento, no contexto de uma relação ocasional e 37.3% da amostra declarou já ter sido vítima de pelo menos um ato abusivo, durante uma relação afetiva ocasional. Quanto à prevalência dos vários tipos de violência neste estudo, a mais frequentemente perpetrada, é a violência física (30.1%), quanto à mais sofrida é a violência psicológica/emocional (23.1%).

O estudo de Caridade e Machado (2012) demonstra que existe uma preponderância da violência psicológica, quer relativa à perpetração, quer no que diz respeito à vitimização (60.6% e 57.5%, respetivamente). Quanto à violência física, a perpetração é de 48.2% e a vitimização é de 33.6%. Por último, na violência sexual, a perpetração é de 1.8% e a vitimização de 4.8%.

Fávero e colaboradores (2012), na sua investigação acerca da violência sexual nas relações amorosas ocasionais em jovens universitários, concluíram que 17.5% dos jovens foram vítimas de violência neste tipo de relação.

Ainda relativamente à violência sexual, um estudo desenvolvido por Peixoto, Matos e Machado (2013), com estudantes universitários atletas e não atletas, com vista a uma comparação entre estes dois grupos, em termos de violência perpetrada, teve como conclusões que, apesar de existir uma percentagem elevada de jovens que se assumem como não perpetradores, existem também jovens atletas e não atletas perpetradores, classificados na forma mais grave de agressão sexual, a violação (atletas- 22% e não atletas- 26%).

Através desta revisão da literatura e tendo em conta os estudos nacionais, pode-se depreender o interesse dos investigadores pelo fenómeno da violência nas relações sem compromisso. No entanto, nenhum estudo incidiu especificamente na violência neste tipo de relações, havendo lacunas relativas aos tipos de violência que os jovens perpetraram e dos quais são vítimas.

5. Violência nas Relações Amorosas- processo unidirecional ou bidirecional

Um olhar quantitativo de Dobash e Dobash (2004) para o fenómeno da violência, revela que podemos olhar para esta, como simétrica, ou seja, tanto homens como mulheres podem ser vítimas ou perpetradores de violência. Mas, olhando de forma qualitativa, a violência é assimétrica, no que toca aos atos cometidos por mulheres e por homens. Ou seja, se o critério para definir a simetria ou assimetria da violência for apenas se o indivíduo é atacado física ou psicologicamente, diríamos que a violência é simétrica. Contudo, se o critério para a caracterizar for relativo à extensão desses danos, então poderemos afirmar que a violência é assimétrica, pois os ataques de parceiros causam maior medo, maiores ferimentos físicos e psicológicos e mais mortes (Dias, Machado, Gonçalves & Manita, 2012; Reeves & Orpinas, 2011; Straus, 2011). Segundo Dobash e Dobash (2004), os homens relatam ser vítimas de comportamentos mais ligeiros como empurrões (94.7%), estalos (82.1%) e danos materiais (80%), enquanto as mulheres são vítimas de violência mais severa, como contusões (96.8%), olhos negros (76.8%) e lábios cortados (61.1%).

Assim, quando é analisado o contexto e as consequências da violência perpetrada, as mulheres experienciam níveis mais elevados de violência severa e reações emocionais mais salientadas, comparadas com os homens (Hamby & Turner, 2012; Straus, 2011).

Apesar de muitos autores apoiarem a tese de que o homem é o perpetrador da violência e a mulher a vítima (Langhinrichsen-Rohling, Misra & Rohling, 2012; Morales-Reyes, Alonso-Castillo & López-García, 2011; Dixe, Rodrigues, Freire, Rodrigues, Fernandes & Dias, 2010.; Cantera & Blanch, 2010), grande parte das investigações nacionais e internacionais desenvolvidas nesta temática revelam que a violência entre companheiros amorosos é caracterizada por mútuas agressões, demonstrando que as mulheres podem ser física e psicologicamente tão agressivas quanto os homens e, por vezes, até em maior frequência (Testa, Hoffman & Leonard, 2011; Antunes & Caridade, 2012; Oliveira & Sani, 2005; Caridade & Machado, 2012; Miller, et al., 2014).

Caridade & Machado (2012), na sua investigação sobre a violência nas relações juvenis de intimidade, concluiu que, dos 170 indivíduos da amostra, 88 afirmam ser simultaneamente vítimas e ofensores, o que corrobora também a bidirecionalidade da violência.

No estudo levado a cabo por Testa, Hoffman e Leonard (2011), com 99 casais de namorados em que a violência na relação era mútua, foi possível entender que, 68 casais relatam ser mais frequente a mulher agredir fisicamente o namorado.

Também Langhinrichsen-Rohling, Misra, Selwyn e Rohling (2012), da sua recolha de 13 estudos que envolviam escolas, universidades, estudos na população geral, observaram que em 57.2% dos casos, a taxa de violência é bidireccional, enquanto 42.7% é unidireccional.

O estudo de Antunes e Caridade (2012) também demonstra um padrão de bidireccionalidade da violência, já que os rapazes demonstram maior vitimação física (66.3%), mais perpetração emocional (58.3%) e mais perpetração sexual (74.1%).

Foi possível concluir, assim, que a vitimação não é exclusiva de um género, assim como a perpetração de violência não é característica própria dos homens. Um estudo levado a cabo por Kaura e Lohman (2009) revelam o mesmo, já que tanto homens como mulheres são vítimas de violência psicológica (73% e 77%, respetivamente) e física (20% e 23%, respetivamente).

Quanto à violência sexual, a literatura científica é consistente na ideia de que a violência sexual na intimidade é distinta das outras formas de violência, pois existe uma maior vulnerabilidade da mulher para a vitimação sexual, desempenhando o homem, mais frequentemente o papel de perpetrador (Straus, 2011).

Fávero et al.(2012), na sua investigação sobre a violência sexual nas relações amorosas ocasionais, conclui que em 95.5% dos casos de violência sexual, o agressor é homem.

Perguntamo-nos uma vez mais se, tal como ocorre nas relações de compromisso, nas relações ocasionais tanto homens como mulheres são perpetradores e vítimas de violência.

Capítulo II: O Duplo Padrão Sexual e a sua relação com a Violência nas Relações Amorosas Ocasionais

Ao longo da história, os comportamentos e as atitudes referentes à sexualidade humana têm estado estritamente relacionadas com a moral que rege na sociedade da época em questão. Durante muito tempo, uma ordem social de tradição patriarcal, consentiu o uso ou justificação da violência, por parte do homem (Sierra, Rojas, Ortega & Ortiz, 2007), nomeando a este o papel crucial na relação social e sexual, ao mesmo tempo que limitou a sexualidade feminina à passividade e à reprodução. O domínio económico do homem, de um lado e a dependência financeira da mulher de outro, mostrava-se como a razão principal por que elas aceitavam estes deveres conjugais, que incluíam o serviço sexual (Dantas-Berger & Giffin, 2005).

Desta forma, a construção social da normatividade para se ser homem e mulher, organiza códigos de valores e crenças que advêm destes, que podem favorecer a exposição das mulheres a situações de risco como desenvolver doenças sexualmente transmissíveis, uma gravidez indesejada (Silverman e colaboradores, 2011) e torná-las mais vulneráveis à violência. A vulnerabilidade das mulheres é demonstrada assim pela sua subordinação ao sexo inseguro, às relações sexuais forçadas e à negação do exercício da sua própria sexualidade de modo mais satisfatório (Lima & Shraiber, 2013).

O Duplo Padrão Sexual é uma força social que avalia os homens e as mulheres de maneira distinta, assumindo uma maior liberdade para o homem do que para a mulher, relativamente ao sexo prematrimonial, na existência de vários parceiros sexuais, no início de relações sexuais a idades mais precoces ou face às relações isentas de compromisso. Controla as mulheres e apoia o poder patriarcal dos homens, contribuindo desta forma, para a desigualdade de género (Rudman et al., 2013).

Ao longo dos anos, investigadores avaliam os padrões de atitudes dos jovens, com o intuito de perceber se existe ainda a aceitação destes a um duplo padrão tradicional (Allison & Risman, 2013; Caron, Davis, Halteman & Stickle, 1993; Lima & Schraiber, 2013; Lyons, Giordano, Manning & Longmore, 2011; Rudman, Fetterolf & Sanchez, 2013; Sakaluk & Milhausen, 2012; Weaver, Claybourn & MacKeigon, 2013; Young, Penhollow & Bailey, 2010). Muitos destes estudos demonstram que uma mulher que arranje um preservativo a um companheiro, está a violar as normas culturais. Contudo, se estas se envolverem em relações sexuais desprotegidas ou esperarem que seja o homem a arranjar o contraceutivo, aí já são avaliadas de forma mais positiva (Greene & Faulkner, 2005).

No estudo de Sierra e colaboradores (2007), que avaliam em que medida ainda existem diferenças nas atitudes face ao comportamento sexual dos homens e das mulheres, quase 95% da amostra relata que não vêem como aceitável que a mulher tenha os seus próprios preservativos.

No estudo de Rudman e colaboradores (2013), sobre os motivos do Duplo Padrão Sexual, estes autores tentam perceber o porquê de os homens ganharem respeito por se envolverem em mais relações casuais e com mais parceiras, mas as mulheres são desvalorizadas e estigmatizadas se agirem da mesma forma. Foi possível observar-se que tanto homens como mulheres são responsáveis pelo duplo padrão sexual, uma vez que utilizam mitos de violação e o estigma social como razões para desencorajar as outras mulheres a ter relações sexuais ocasionais.

O estudo de Lyons e colaboradores (2011), com 600 raparigas conclui que o duplo padrão sexual tradicional também é mantido graças às mulheres, uma vez que, embora algumas raparigas da amostra relatassem que era injusto os homens terem mais liberdade sexual do que as mulheres, outras parecem aceitar o padrão inevitável do seu género. Ou seja, tanto homens como mulheres possuem julgamentos sobre o comportamento da mulher, o que revela que pelo menos alguns elementos do duplo padrão sexual tradicional ainda não mudaram (Green & Faulkner, 2005).

Estudos demonstram que o duplo padrão sexual tradicional é mantido pelos dois sexos, mas relatam que os homens apoiam mais do que as mulheres, ou seja, nos homens, a reação aos comportamentos sexuais com base no género, mais permissiva aos homens, ainda existe (Allison & Risman, 2013; Sakaluk & Milhausen, 2012; Young et al., 2010).

Apesar do duplo padrão sexual ter sido confirmado pelos inúmeros estudos relatados anteriormente, Weaver, Claybourn e MacKeigan (2013), no seu estudo com 440 estudantes universitários não encontrou evidências de um duplo padrão sexual nos julgamentos dos jovens face aos comportamentos sexuais das mulheres. Neste estudo, as mulheres não foram julgadas mais negativamente do que os homens, relativamente aos seus comportamentos sexuais.

Ao olharmos para estes estudos, leva-nos a pensar se, nas relações ocasionais os homens terão de facto mais liberdade que as mulheres e até onde essa liberdade os levará. Se o duplo padrão sexual dá aos homens a justificação necessária para estes exercerem violência sobre as mulheres, isto acontecerá atualmente e neste tipo de relação?

Parte II- Estudo empírico

Na segunda parte deste estudo serão apresentados os problemas de investigação, as questões de investigação e os objetivos da mesma, a descrição da amostra analisada, os procedimentos de recolha de dados adotados, os instrumentos de medida que utilizamos e os procedimentos estatísticos realizados. Esta parte engloba ainda os resultados do estudo e a discussão dos mesmos.

1. Objetivos do estudo

A atual investigação procura caracterizar a violência nas relações íntimas sem compromisso, numa amostra de jovens portugueses de idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos. O objetivo geral desta investigação é conhecer a prevalência da violência nas relações ocasionais dos jovens portugueses e relacionar esta com a aceitação da dupla moral sexual.

Quanto aos objetivos específicos, estes são:

- Examinar a prevalência das relações ocasionais (curtir), nos jovens portugueses;
- Relacionar o fenómeno da violência nas relações ocasionais com variáveis, como a idade, o sexo, número de parceiros;
- Verificar qual o tipo de violência nas relações ocasionais mais predominante junto dos jovens portugueses (sexual, física ou psicológica);
- Entender o fenómeno da violência, em termos de perpetração e vitimização;
- Perceber se os jovens portugueses aceitam o padrão sexual tradicional e como este se relaciona com a violência nas relações amorosas ocasionais.

2. Problemas e Hipóteses de Investigação

Após a declaração dos objetivos do presente estudo, são, de seguida, formuladas as hipóteses de investigação, que serão testadas.

ESTUDO 1: Prevalência das relações ocasionais nos jovens portugueses.

Problema 1. Será que as relações ocasionais são o tipo de relação mais frequente entre os jovens portugueses?

H1: As relações amorosas ocasionais são o tipo de relação mais frequente entre os jovens portugueses.

De acordo com o estudo de Smeha e Oliveira (2013) sobre os relacionamentos amorosos da atualidade, os jovens procuram relações de curta duração, para momentos de diversão e companhia. No estudo de Erlandsson e colaboradores (2012), estas relações são caracterizadas por não exigirem laços afetivos e que este tipo de relacionamento pode mesmo substituir as relações de namoro.

ESTUDO 2: Estudo exploratório da violência nas relações afetivas ocasionais em jovens portugueses.

Problema 2: Quais as características da violência nas relações afetivas ocasionais em jovens portugueses?

H2: Quanto menor for a idade, maior será a probabilidade de sofrer violência nas relações afetivas ocasionais.

Apesar dos profissionais da área da intervenção em sexualidade e da prevenção de riscos sexuais em geral afirmarem que a precocidade do envolvimento em relações afetivos sexuais expõem os jovens aos riscos sexuais, os estudos científicos sobre a violência nas relações na intimidade apresentam resultados contraditórios (Ortega, Rivera & Sánchez, 2008), com maior inclinação para a sua comprovação. Tal se verificou nos estudos sobre violência nas relações de namoro (Carbone- Lopez, Rennison & Macmillan, 2011; O’Leary, Bromet & Tintle, 2014) que defendem que quanto menor a idade dos jovens, mais probabilidade de virem a sofrer de violência nas suas relações, com maior risco para as mulheres (O’Leary et al., 2014).

H3: Quanto maior o número de parceiros com quem uma mulher possui relações ocasionais, maior probabilidade de ser vítima de violência ela terá.

Koss e Dinero (1989) defendem que o número de parceiros de uma mulher nas relações ocasionais é uma variável situacional que aumenta a vulnerabilidade das mulheres à violência nas suas relações.

Bonomi e colaboradores (2012), no seu estudo sobre a ocorrência da violência nos adolescentes, relata que mais de um terço das mulheres que reportavam ser vítimas de violência tinham dois ou mais parceiros.

Também Silverman, McCauley, Decker, Miller, Reed e Raj (2011), no seu estudo sobre comportamentos sexuais de risco, concluíram que ter múltiplos parceiros está relacionado com experiências de violência nas relações dos jovens adultos.

H4: O tipo de violência predominante nas relações íntimas ocasionais é a psicológica, em detrimento da violência física e violência sexual.

Tanto no estudo de Fernández-Fuertes e Fuertes (2010), como nos resultados de Rey-Anacona, Mateus-Cubides e Bayona-Arévalo (2010), o tipo de violência que mais ocorre nas relações amorosas é a violência psicológica, seguida da violência física. Esta preponderância da violência psicológica, em detrimento da física é também verificada no estudo de Halpern-Meehin e colaboradores (2013), em que mais de metade dos jovens da amostra reportaram violência psicológica (52.51%) e 40% reportaram violência física

Os estudos nacionais estão em concordância relativamente à violência psicológica como a que mais ocorre no contexto das relações amorosas (Antunes & Machado, 2012; Caridade & Machado, 2012; Ferreira, 2011).

H5: É esperado que as raparigas sejam mais vítimas de violência do que os rapazes.

H6: É esperado que os rapazes sejam mais perpetradores de violência do que as raparigas.

O estudo de Cantera e Blanch (2010) sobre os estereótipos de género, concluiu que os homens são mais perpetradores tanto de violência física, como violência psicológica.

Também Morales-Reyes, Alonso-Castillo e López-García (2011), na sua investigação sobre a prevalência dos três tipos de violência (física, psicológica e sexual) em 120 mulheres, concluíram que 99% referiram ter sofrido algum tipo de violência, por parte do seu parceiro.

ESTUDO 3: Análise das relações entre a aceitação de um duplo padrão sexual tradicional e as experiências de violência nas relações afetivas ocasionais em jovens portugueses.

Problema 3: Será que a aceitação de um duplo padrão sexual tradicional interfere com as experiências de violência nas relações afetivas ocasionais em jovens portugueses?

H7: Os jovens aceitam o duplo padrão sexual tradicional.

De acordo com o estudo de Allison e Risman (2013) e de Sakaluk e Milhausen (2012), apesar das atitudes sexuais terem sido mais liberalizadas no último meio século, o duplo padrão sexual tradicional continua a organizar a sexualidade, principalmente apoiado pelo sexo masculino.

Também Young e colaboradores (2010) concluíram que os homens com mais parceiras sexuais são avaliados muito mais favoravelmente do que as mulheres que possuem mais do que um parceiro, o que confirma um padrão sexual tradicional, onde os homens teriam mais liberdade do que as mulheres.

O estudo de Lyons e colaboradores (2011) relata que o duplo padrão sexual tradicional não é apenas mantido pelos homens, mas também pelas mulheres, uma vez que estas parecem aceitar este padrão inevitável, relativo ao seu gênero.

Contrariamente aos estudos anteriores, Weaver, Claybourn e MacKeigan (2013), no seu estudo com 440 estudantes universitários não encontraram evidências de um duplo padrão sexual nos julgamentos dos jovens face aos comportamentos sexuais das mulheres. Neste estudo, as mulheres não foram julgadas mais negativamente do que os homens, relativamente aos seus comportamentos sexuais.

H8: A aceitação de um duplo padrão sexual e as crenças subjacentes ao mesmo exercem influência, tanto na vitimização, como na perpetração de situações de abuso.

Ao aceitarem e manterem o duplo padrão sexual tradicional, os homens e as mulheres estão a assumir os papéis tradicionais de gênero, o que faz com que eles próprios aceitem igualmente atitudes e crenças legitimadoras de violência (Lima & Schraiber, 2013).

Sussenbach e Bohner (2011), no seu estudo sobre a aceitação de um duplo padrão sexual, demonstraram que homens e mulheres que possuem grande identificação com o seu gênero reportam maiores quantidades de mitos sobre violação.

3. Metodologia

2.1- Amostra

A caracterização da amostra foi realizada com base na natureza das variáveis sociodemográficas apresentadas. Assim, para a variável quantitativa (idade), foi determinada a sua média, desvio padrão, mínimo e máximo. Para as variáveis nominais e ordinais (como o

sexo, o estado civil, a zona de residência e o nível de escolaridade), sendo estas de natureza qualitativa, calculamos as suas percentagens.

A amostra recolhida foi de 363 indivíduos, no entanto, a nossa amostra final é de 239 sujeitos, pois apenas estes possuíam idades compreendidas entre 18 e 25 anos, sendo este um critério de inclusão para o nosso estudo. Através da leitura da Tabela 1, é possível concluir-se que a globalidade da nossa amostra é do sexo feminino (80.3%), sendo que somente 19.7% são do sexo masculino. O mínimo das idades é, como já foi referido, 18 anos e o máximo 25 anos ($M= 22.45$; $dp= 1.805$). O estado civil predominante é solteiro (93.7%), seguido de união de facto (2.1%) e casado/a (0.4%). Relativamente à zona de residência, maioritariamente é da zona Norte do país (83.3%), seguida da zona Centro (10.0%). Quanto à atividade principal, 72.8% são estudantes universitários.

Por fim, quanto ao nível de escolaridade, é possível observar-se que o grupo com maior número de indivíduos é Ensino Superior incompleto ou a frequentar (57.7%).

Tabela 1- Dados demográficos da amostra

Dados Demográficos		N	(%)
Sexo	Feminino	192	80.3%
	Masculino	47	19.7%
Estado Civil	Casado/a	1	.4%
	Solteiro/a	224	93.7%
	União de facto	5	2.1%
	Outro	9	3.8%
Zona de residência	Norte	199	83.3%
	Centro	24	10.0%
	Lisboa	10	4.2%
	Alentejo	0	0
	Algarve	0	0
	R. A. Açores	2	.8%
	R. A. Madeira	4	1.7%
Atividade principal	Estudante universitário	174	72.8%
	Estudante secundário	4	1.7%
	Estudante curso técnico	9	3.8%
	Empregado	35	14.6%
	Desempregado	17	7.1%
Nível de escolaridade	Superior completo	71	29.7%
	Superior incompleto /a frequentar	138	57.7%
	Secundário completo	12	5.0%
	Secundário incompleto/a frequentar	4	1.7%
	Curso completo de técnico profissional	5	2.1%
	Curso incompleto/a frequentar de curso técnico	9	3.8%

Relação ocasional na mesma noite	Nunca com mais de uma pessoa	203	84.9%
	Duas pessoas	28	11.7%
	Duas a quatro pessoas	7	2.9%
	Mais do que quatro	1	0.4%

2.2- Instrumentos

No sentido da recolha de uma amostra da população em estudo, foi necessário a realização de um instrumento, devido à inexistência de questionários adaptados à população portuguesa, para a avaliação deste fenómeno.

Assim, com base na literatura, os instrumentos utilizados para avaliar este fenómeno foram:

1. Ficha Sociodemográfica, que tem como objetivo caracterizar a amostra em estudo e engloba perguntas como a idade, o sexo, área de residência, estado civil e nível de escolaridade, atividade principal e zona de residência até aos 17 anos de idade;
2. CTR (Fávero, Cardoso & Andrade, 2004), que consiste num conjunto de 34 questões que permitem o conhecimento de vários aspetos das relações afetivas ocasionais;
3. Escala de Dominação, Coerção e Violência de Género (DelCampo & Neto, 2001), que consiste em 39 afirmações, que avaliam a prevalência de determinados comportamentos, com perguntas aos participantes acerca do seu envolvimento, quer como vítima, quer como agressor em condutas como dominação (12 itens), coerção (17 itens), Pressão (4 itens) e violência de género (6 itens):
4. Escala da Dupla Moral (Caron et al., 1993), que incorpora 10 itens, que se avaliam em escala tipo Likert de 5 pontos, desde 1 (concordo plenamente) até 5 (discordo plenamente). Esta escala permite-nos avaliar a dupla moral na temática da sexualidade.

Na sua versão final, o *Questionários de Avaliação da Violência nas Relações Amorosas Ocasionalis* é constituído por 27 questões, sendo que as primeiras 7 são relativas aos dados sociodemográficos dos participantes, 2 relacionadas com os comportamentos dos homens e das mulheres (dupla moral), 4 sobre a temática das relações ocasionais (curtir) e 14 sobre a violência neste tipo de relacionamentos. Estas 14 questões dividem-se em três

componentes: a violência sexual, a violência física e violência psicológica. Os três tipos de violência foram avaliados tanto na perspectiva da vítima, como na perspectiva do agressor.

Na nossa amostra, a consistência interna global destes itens revela um alpha de Cronbach de .988. A componente 1, que corresponde à violência sexual possui um alpha de Cronbach de .946, a componente 2 (violência física) tem um alpha de Cronbach de .811, e a componente 3 (violência psicológica) o alpha de Cronbach é de .793. Podemos concluir desta forma que o questionário apresenta bons valores de fiabilidade.

Relativamente à escala de Dupla Moral de Caron e colaboradores (1993), esforços para a tentar aferir para a população portuguesa estão a ser feitos, sob a coordenação da Prof^a. Doutora Marisalva Fávero, pelo que não temos dados relativos à população portuguesa. No entanto, vamos basear-nos na escala original que possui um valor de consistência interna de 0.72, para o total da escala, numa amostra de 333 estudantes de ambos os sexos. Os nossos dados revelam um alfa de Cronbach de 0.730, o que demonstra que este instrumento tem fiabilidade apropriada. O alfa de Cronbach relativo ao sexo masculino é de 0.831 e o do sexo feminino é de 0.656.

2.3- Procedimentos de recolha de dados

A escolha da metodologia a adotar numa determinada investigação depende dos objetivos do estudo. Desta forma, optou-se pela metodologia quantitativa, uma vez que esta pressupõe a observação do fenómeno da violência nas relações ocasionais, a formulação de hipóteses explicativas desse fenómeno, o controlo das variáveis escolhidas, a seleção da amostra e a confirmação ou rejeição das hipóteses colocadas inicialmente, após a recolha e tratamento dos dados.

A fim de atingir um maior número de pessoas, o questionário elaborado foi disponibilizado *online*, através do Google Docs, enviado por email a colegas e pessoas conhecidas e publicado nas redes sociais, com um apelo para a divulgação entre os seus contactos. A acompanhar o questionário seguia sempre um pequeno lembrete a afirmar que todos os dados do estudo são confidenciais e a alertar para ser apenas preenchido por pessoas com idade igual ou superior a 18 anos.

O questionário foi disponibilizado *online* a partir do mês de janeiro de 2014 e a recolha e o posterior tratamento dos dados foram feitos entre os meses de fevereiro e maio de 2014.

2.4- Metodologia de tratamento de dados

Para a realização de todas as análises estatísticas, recorreremos ao programa Statistical Package for Social Sciences (SPSS), na versão 20.0.

Com o duplo objetivo de averiguar a validade do instrumento utilizado e conhecer as dimensões fatoriais subjacentes, procedemos à extração de componentes principais (ACP). Os 35 itens (perguntas relacionadas com os três tipos de violência) foram submetidos a uma análise fatorial, da qual foi possível extrair três fatores. O propósito desta extração é perceber a quantidade de componentes que melhor representam o padrão de relação entre as variáveis observadas (Filho & Júnior, 2010). Os componentes encontrados têm capacidade para explicar 60.994% da variância total. Assim, a componente 1, que considera todas as perguntas relativas à *violência sexual* engloba os itens 13 e 14, incluindo as suas alíneas. A componente 2, *violência física* incorpora os itens 1, 2, 9 e 10. Por último, os itens organizados na componente 3, *violência psicológica* são 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11 e 12.

Para efeitos de análise estatística, os indivíduos são considerados perpetradores, se responderem sim a pelo menos uma das perguntas relativas à perpetração de violência física, sexual ou psicológica. Do mesmo modo, são considerados vítimas se tiverem respondido sim a qualquer uma das perguntas relativas à vitimização de violência física, sexual ou psicológica.

3. Resultados

Considerando a amostra selecionada para o estudo (N:239), constatou-se que a prevalência das relações ocasionais é de 37%, mais referida pelos participantes homens (25.5%), do que pelas mulheres (11.5%), como se pode verificar na Tabela 2.

Relativamente à idade da primeira experiência de uma relação ocasional, o mínimo observado na amostra é de 8 anos e o máximo de 24, sendo que a média é de 14.66 e o desvio padrão de 3.389. Podemos perceber ainda que, a maioria dos indivíduos da amostra relata já ter tido uma relação ocasional, no mesmo ambiente e na mesma noite com “nunca mais do que uma pessoa” (84.9%), seguido de “duas pessoas” (11.7%), “duas a quatro pessoas” (2.9%) e, por último “mais do que quatro pessoas” (0.4%).

Tabela 2. Frequência das relações ocasionais, segundo o sexo

		Frequency	Percent	Valid percent	Cumulative Percent
Masculino	Sim	12	25.5	25.5	25.5
	Não	35	74.5	74.5	100.0
	Total	47	100.0	100.0	
Feminino	Sim	22	11.5	11.5	11.5
	Não	170	88.5	88.5	100.0
	Total	192	100.0	100.0	

Relativamente à violência nas relações ocasionais, da totalidade da amostra (N:239), 12.4% relata já ter perpetrado algum tipo de violência e 30% assumem já ter sido vítimas de algum tipo de violência, em relações ocasionais.

Com o objetivo de perceber se a idade estaria ou não relacionada com a violência nas relações ocasionais, recorreu-se ao Teste de Spearman, pois este teste permite-nos perceber se duas variáveis, uma ordinal e outra de escala, estão associadas. Mediante os valores da Tabela 3 ($r_s=.007$, $p=.919$), podemos concluir que estamos perante ausência de correlação entre as duas variáveis, ou seja, não há associação entre a idade e violência nas relações ocasionais.

Tabela 3. Relação entre violência nas relações ocasionais e idade

			violencia_ vitimizada	Idade
Spearman's rho	violencia_ vitimizada	Correlation Coefficient	1,000	,007
		Sig. (2-tailed)	.	,919
		N	239	239
	Idade	Correlation Coefficient	,007	1,000
		Sig. (2-tailed)	,919	.
		N	239	239

Relativamente ao número de parceiros de uma mulher no contexto das relações ocasionais, para perceber se esta está relacionada com a violência vitimizada, procedemos uma vez mais ao Teste de Spearman, visto tratar-se de uma associação entre duas variáveis ordinais. Neste caso, fizemos um *Select Cases*, pois apenas queríamos incluir uma parte da amostra (o sexo feminino). Observando os valores da Tabela 4, é possível perceber que não existe associação entre o número de parceiros que uma mulher tem e a violência que estas experienciam ($r_s=.110$, $p=.130$).

Tabela 4. Relação entre número de parceiros e violência vitimizada

			Curtir3	violencia_ vitimizada
Spearman's rho	Curtir3	Correlation Coefficient	1,000	,110
		Sig. (2-tailed)	.	,130
		N	192	192
	violencia_ vitimizada	Correlation Coefficient	,110	1,000
		Sig. (2-tailed)	,130	.
		N	192	192

Quanto à violência nas relações ocasionais, a que se evidencia mais é a psicológica (M= 4.88), seguida da violência física (M=3.66) e da sexual (M=1.100).

Com o intuito de perceber qual o sexo que se revela ser mais vítima e perpetrador de violência, recorreu-se ao Teste de Mann-Whitney, para perceber se as ordens médias de dois grupos independentes (homens e mulheres) diferem, ao nível de uma variável dependente ordinal (violência vitimizada e violência perpetrada). Perante os valores da Tabela 5, para a violência vitimizada (U= 3926,500; $p>.05$), podemos perceber que não existem diferenças estatisticamente significativas em função do sexo, quanto à vitimização da violência, ou seja, tanto homens como mulheres são vítimas de violência nas suas relações ocasionais.

Quanto à análise das diferenças entre os sexos, no que se refere à violência perpetrada, também é possível concluir-se que, face aos valores apresentados na Tabela 6, não existem diferenças estatisticamente significativas entre a violência perpetrada por homens e por mulheres.

Tabela 5. Análise das diferenças entre sexos, relativamente à violência vitimizada

violencia_vitimizada	
Mann-Whitney U	3926,500
Wilcoxon W	5054,500
Z	-1,444
Asymp. Sig. (2-tailed)	,149

Tabela 6. Análise das diferenças entre sexos, relativamente à violência perpetrada

violencia_perpetrada	
Mann-Whitney U	4077,000
Wilcoxon W	5205,000
Z	-1,139
Asymp. Sig. (2-tailed)	,255

Ao concluirmos que não existem diferenças relativamente ao sexo, face à violência perpetrada e vitimizada, podemos afirmar assim a bidirecionalidade da violência, ou seja, tanto homens como mulheres são vítimas e perpetradores de violência, nas relações ocasionais.

Relativamente aos comportamentos abusivos mais perpetrados e mais sofridos, recorremos aos dados da Tabela 8 e 9. Quanto à violência perpetrada, os comportamentos que mais se evidenciam são “Às vezes tenho de gritar ou tornar-me agressivo/a”, com 22.6%, “Tratei como inferior”, com 13% e “Impedir o/a parceiro/a de estar com amigos”, com 10.9%. De acordo com os dados da Tabela 9, os comportamentos de violência sofrida que mais se evidenciam são o “Ser tratado/a como inferior”, com 27.2%, “Ser impedido/a de estar com os seus amigos”, com um valor de 23.4% e o item “Ser insultado/a ou ridicularizado/a”, com 14.6%. Podemos perceber que os comportamentos abusivos que mais predominam nesta amostra são os de menor gravidade. No entanto, também temos dados preocupantes relativamente a violência mais severa. Na Tabela 9, podemos observar que ao nível da vitimação sexual, o item “Tentativa de sexo anal” possui 2.5%, ou seja, da totalidade da nossa amostra (N:239), 6 indivíduos relataram que alguém os tentou obrigar a ter sexo anal. Ao nível da perpetração, temos o item de “Empurrei/Bati”, com alguma incidência (7.5%).

Tabela 7. Percentagem de comportamentos abusivos perpetrados

Item	N	%
Gritar ou tornar-se agressivo	54	22.6
Já fui violento/a numa discussão	14	5.9
Insultei/Ridicularizei	17	7.1
Tratei como inferior	31	13
Impedi de estar com amigos	26	10.9
Empurrei/Bati	18	7.5
Fiz ameaças	15	6.3
Andar de mãos dadas/abraçados	5	2.1
Um beijo nos lábios	9	3.8
Contacto corporal/beijo linguado	3	1.3
Tirar roupas	3	1.3
Masturbação sem sexo oral/vaginal/anal	1	0.4
Tentativa sexo anal	1	0.4
Relação sexual anal	1	0.4

Tabela 8. Percentagem de comportamentos abusivos sofridos

Item	N	%
Insultado/ridicularizado	35	14.6
Tratado/a como inferior	65	27.2

Impedido/a de estar com os meus amigos	56	23.4
Empurrar/bater	28	11.7
Ameaças	32	13.4
Andar de mãos dadas/abraçados	25	10.5
Um beijo nos lábios	17	7.1
Contacto corporal/beijo linguado	5	2.1
Tirar roupas	8	3.3
Caricias ou beijos nos seios	1	0.4
Caricias nos órgãos genitais	4	1.7
Contacto de órgãos genitais, com roupa	3	1.3
Tentativa de sexo oral	3	1.3
Sexo oral	1	0.4
Tentativa de relação sexual coital	2	0.8
Relação sexual coital	1	0.4
Tentativa de sexo anal	6	2.5

Com o intuito de perceber se a nossa amostra de jovens aceita o duplo padrão sexual tradicional, obtivemos o score total tal como Caron e colaboradores (1993) procederam, somando os valores das 10 questões que englobam a escala, variando a pontuação total de 10 (mais tradicional) a 50 (não tradicional). Ou seja, quanto maior o valor da dupla moral, menos os jovens aceitam o duplo padrão sexual tradicional.

Foi possível observar que os jovens da amostra em estudo aderem pouco ao duplo padrão sexual ($M= 39.15$, $DP= 5.23$). É importante ressaltar que os homens aceitam mais o duplo padrão sexual ($M=36.98$) que as mulheres ($M= 39.68$).

Fazendo uma análise mais detalhada aos itens da escala e recorrendo à Tabela 9, é possível observar-se que na questão 1 (*Espera-se que uma mulher seja sexualmente menos experiente que o seu parceiro*), 82% da amostra discorda ou discorda plenamente desta afirmação, 13% não concorda nem discorda e apenas 5% concorda ou concorda plenamente. Quanto à questão 2 (*Uma mulher que seja sexualmente ativa tem menos probabilidade de ser considerada uma companheira desejável*), a maior percentagem é uma vez mais na resposta concorda ou concorda plenamente, com 72.4%, seguida da resposta não concorda nem discorda (16.3%) e dos que concordam ou concordam plenamente (11.3%). Na afirmação 3 (*Uma mulher nunca deve dar a entender que está preparada para um encontro sexual*), mais de metade dos participantes (55.6%) discorda ou discorda plenamente, 24.7% não concorda nem discorda e 19.6% concordam ou concordam plenamente. Relativamente à afirmação 4 (*É importante que os homens sejam sexualmente experientes, para poderem ensinar*), 79.9% da amostra discorda ou discorda plenamente, 14.6% não concordam nem discordam e 5.5% concordam ou concordam plenamente. Quanto à questão 5 (*Uma mulher digna nunca teria uma aventura de uma noite, mas é normal que os homens tenham*), quase a totalidade da amostra (90.8%) discorda ou discorda plenamente da afirmação, 4.6% concorda ou concorda plenamente e outros 4.6% não concordam nem discordam. Na afirmação 6 (*É importante para um homem ter várias experiências sexuais, de forma a ganhar experiência*), 69.8% discorda ou discorda plenamente, 18.4% não concordam nem discordam e 11.7% concordam ou concordam plenamente. Na questão 7 (*No que diz respeito ao sexo, o homem deve ter o papel dominante e a mulher o papel passivo*) quase 92% da amostra refere discordar ou discordar plenamente, 5.4% não concordam nem discordam e apenas 2.9% concordam ou concordam plenamente com esta afirmação. Relativamente à questão 8 (*É aceitável que uma mulher tenha consigo preservativos*), 89.6% da amostra concorda ou concorda plenamente, contrastando com os 4.6% que discordam ou discordam plenamente. Na questão 9 (*É pior para uma mulher ter relações sexuais com vários parceiros, do que para um homem*), 69% discordam ou discordam plenamente e quase 20% concordam com esta afirmação. Por último, a questão 10 (*A decisão de iniciar a relação sexual cabe ao homem*), mais de 90% da amostra discorda ou discorda plenamente e 2.6% concordam ou concordam plenamente.

Pela análise da Tabela 9 podemos concluir que, a maioria dos participantes da nossa amostra não possui crenças que suportam o duplo padrão sexual tradicional.

Tabela 9. Frequência das crenças face aos comportamentos sexuais dos homens e mulheres (DSS, Caron et al., 1993)

	Concordo		Discordo		Nem concordo nem discordo	
	N	%	N	%	N	%
Espera-se que uma mulher seja sexualmente menos experiente que o seu parceiro.	12	5	196	82	31	23
Uma mulher que seja sexualmente ativa tem menos probabilidade de ser uma companheira desejável.	27	11.3	173	72.4	39	16.3
Uma mulher nunca deve dar a entender que está preparada para um encontro sexual.	47	19.6	133	55.6	59	24.7
É importante que os homens sejam sexualmente mais experientes, para poderem ensinar.	13	5.5	191	79.9	35	14.6
Uma mulher digna nunca teria uma aventura de uma noite, mas é normal que os homens tenham.	11	4.6	217	90.8	11	4.6
É importante para um homem ter várias experiências sexuais, para ganhar experiência.	28	11.7	167	69.8	44	18.4
Relativamente ao sexo, o homem deve ter o papel dominante e a mulher o passivo.	7	2.9	219	91.6	13	5.4
É aceitável que uma mulher tenha consigo preservativos.	214	89.6	11	4.6	14	5.9
É pior para uma mulher ter relações sexuais com vários parceiros, do que para um homem.	44	18.4	165	69	30	12.6
A decisão de iniciar a relação sexual cabe ao homem.	6	2.6	220	92.1	13	5.4

A fim de confirmar ou rejeitar a última hipótese (**A aceitação de um duplo padrão sexual e as crenças subjacentes ao mesmo exercem influência, tanto na vitimização, como na perpetração de situações de abuso**), recorremos ao Teste de Spearman, uma vez

que se trata de duas variáveis ordinais. Pelos valores da Tabela 10, podemos perceber que não existe correlação entre a aceitação de um duplo padrão sexual e a perpetração de violência ($p=.221$), nem entre a aceitação do duplo padrão sexual e a vitimização da violência ($p=.007$).

Tabela 10. Análise da correlação entre a aceitação do duplo padrão sexual e a perpetração e vitimização da violência

		dupla_moral	
Spearman's rho	violencia_vitimizada	Correlation	,175**
		Coefficient	
		Sig. (2-tailed)	
	a	N	239
		Correlation	,079
		Coefficient	
Sig. (2-tailed)	,221		
a	N	239	

4. Análise e discussão dos resultados

Esta investigação teve como objetivos principais conhecer a prevalência da violência nas relações ocasionais dos jovens portugueses, entender o fenómeno da violência, em termos de vitimização e perpetração, relacionando-a com algumas das variáveis em estudo e perceber como esta se relaciona com o duplo padrão sexual. Posteriormente, surgiram outras questões que queríamos ver respondidas, que relacionavam as nossas variáveis em estudo.

A nossa primeira hipótese (H1), tendo em conta os dados dos estudos consultados (Fávero et al., 2004; 2007), era a de que **As relações ocasionais são o tipo de relação mais predominante junto dos jovens portugueses**. Tal não se verificou, visto que apenas 37% da amostra afirma possuir este tipo de relação. Estes valores podem dever-se ao facto de na nossa amostra o grupo de idades mais representado ser o de maiores de 22. Os estudos indicam que se verifica uma maior preponderância de relações amorosas de curta duração nos jovens com idades compreendidas entre os 18 e os 22 anos (Smeha & Oliveira, 2013).

Os resultados relativos à frequência da vitimização e da perpetração da violência nas relações casuais assemelham-se aos obtidos pela comunidade científica nacional e internacional (Dixe et al., 2010; Fávero et al., 2012; Oliveira, 2009), visto que 12.4%

perpetrou algum tipo de violência e 30% foi vítima de violência, neste tipo de relação. Apesar de se verificar a reciprocidade entre sofrer e perpetrar agressão, confirmando-se também a tendência dos estudos consultados, os dados obtidos nesta investigação vão de encontro ao estudo de Oliveira (2009), em que os valores da vitimização (42.9%) são superiores aos valores de perpetração (37.6%). De notar que a percentagem de perpetração de violência no nosso estudo é muito semelhante à encontrada no estudo de Fávero e colaboradores (2012), com amostra semelhante, em que 10.2% da amostra revelou ter perpetrado algum tipo de violência em relações ocasionais. No entanto, no que se refere à vitimação, encontramos valores superiores (30%) aos dados internacionais de Zorrila e colaboradores (2009), com 10.1% e de Dixe e colaboradores (2010), com 9.1%. Isto poderá ter acontecido porque atualmente os jovens estão mais atentos ao fenómeno da violência e percecionam pequenas atitudes (empurrar, impedir de estar com amigos, ameaças, ser tratado como inferior) como fazendo parte de um padrão de violência que pode escalar em comportamentos mais severos.

No que se refere à relação entre a idade e a probabilidade de ser vítima de violência, no presente estudo deparamos com uma ausência de correlação entre as duas variáveis. Este resultado não vai de encontro ao estudo de Carbone-Lopez, Rennison e Macmillan (2011) e da investigação de O’Leary, Bromet e Tintle (2014), que defendem que à medida que a idade aumenta, a violência nas relações diminui. Segundo a OMS (2002), a idade é um dos fatores de risco para se ser sofrer violência.

No entanto, os nossos resultados estão de acordo com um estudo desenvolvido por Ortega, Rivera e Sánchez (2008) que refere que quanto mais novos forem os rapazes e as raparigas, menos implicados eles estarão em ser vítimas ou perpetradores de violência.

No presente estudo não encontramos correlação entre o número de parceiros com quem uma mulher tem relações ocasionais e a violência de que esta pode vir a ser vítima, não confirmando, portanto a Hipótese 3 (**Quanto maior o número de parceiros com quem uma mulher tem relações ocasionais, mais probabilidade de ser vítima de violência ela terá**) e contrariando os dados obtidos no estudo de Koss e Dinero (1989), de que o número de parceiros de uma mulher é uma variável situacional que aumenta a sua vulnerabilidade para a violência. Também Bonomi e colaboradores (2012) e Silverman e colaboradores (2011), nos seus estudos, referem que ter múltiplos parceiros está relacionado com experiências de violência nas relações. Isto pode ter ocorrido, uma vez que, na nossa amostra a grande maioria (84.9%) dos jovens relata ter curtido “nunca com mais do que com uma pessoa”, o que demonstra que não é frequente possuírem múltiplos parceiros.

No que se refere ao tipo de violência presente nas relações ocasionais, verifica-se uma preponderância da violência psicológica, em detrimento da violência física e da violência sexual, resultados que vão de encontro aos dados internacionais de Fernandez-Fuertes e Fuertes (2010) e de Rey-Anacona et al.(2010), que demonstram a violência psicológica como a que mais ocorre nas relações ocasionais, seguido da violência física e da violência sexual. A nível nacional, também foram encontrados resultados semelhantes que indicam a violência psicológica como o tipo de violência mais predominante nas relações amorosas (Caridade & Machado, 2012).

Os estudos que referimos de seguida demonstram que a violência psicológica está, de alguma forma presente em todos os tipos de violência nas relações de intimidade.

No estudo de Morales-Reyes, Alonso Castillo e López-García (2011), 35% da amostra em estudo (N:120 mulheres) sofreu violência psicológica e física, 34% violência psicológica juntamente com violência física e sexual e 12% violência psicológica, associada com a violência sexual. Também Halpern-Meehin, Manning, Giordano e Longmore (2013) mostram resultados semelhantes, uma vez que dos 792 participantes do estudo, um terço relata ter sofrido de violência física e violência psicológica. Schraiber, Barros, Couto, Figueiredo e Albuquerque (2012), no seu estudo sobre a prevalência da violência contra a parceira íntima concluíram que a maior prevalência observada é a de violência física e psicológica, em conjunto.

Os comportamentos mais usualmente perpetrados e vitimizados pelos sujeitos da amostra são os considerados atos de menor gravidade, como ter sentido que o/a parceiro/a os tratou como inferiores e serem impedidos/as de estar com os seus amigos (27.2% e 23.4%, respetivamente). No entanto, não podemos ignorar os valores de violência mais severa, que, apesar de inferiores, foram referidos pelos participantes, como é o caso de terem sido vítimas de comportamentos de violência física, como bater ou empurrar (11.7%) e violência sexual, de que é exemplo a tentativa de sexo anal (2.5%). Relativamente à perpetração de violência sexual podemos referir as carícias ou beijos nos seios (6.3%).

Quanto às hipóteses 5 (**É esperado que as raparigas sejam mais vítimas de violência, do que os rapazes**) e 6 (**É esperado que os rapazes sejam mais perpetradores de violência do que as raparigas**), falaremos delas em conjunto, uma vez que tratam da vitimização e perpetração da violência. A bidirecionalidade da violência nas relações de intimidade tem sido alvo de interesse da comunidade científica, não sem polémica, como referimos noutro momento (Straus, 2011; Dobash & Dobash, 2004). Tendo em conta que estas conclusões não apresentavam consenso científico e que dados consistentes de estudos sobre violência

conjugal indicavam que os homens são tendencialmente mais perpetradores e as mulheres mias vítimas (Langhinrichsen-Rohling, Misra & Rohling, 2012; Morales-Reyes, Alonso-Castillo & López-García, 2011; Dixe, Rodrigues, Freire, Rodrigues, Fernandes & Dias, s.d.;Cantera & Blanch,2010), esperávamos encontrar esta mesma realidade no nosso estudo. No entanto, os dados do presente estudo levam-nos a concluir que a violência não é exclusiva de um sexo, visto não ter havido diferenças significativas, entre homens e mulheres, relativamente à violência perpetrada e violência vitimizada. Este padrão de bidirecionalidade da violência nas relações de intimidade foi demonstrado por Kaura e Lohman (2009) e Antunes e Caridade (2012). Caridade e Machado (2012) concluíram que o número de indivíduos da sua amostra que atuavam simultaneamente como agressores e como vítimas (N:88) era superior ao número dos sujeitos que eram apenas vítimas (N:31) e dos sujeitos que eram agressores (N:51) de pelo menos um comportamento agressivo.

Quanto à hipótese 7 (**Os jovens aceitam o duplo padrão sexual tradicional**), não encontramos no nosso estudo evidências que o comprovassem, uma vez que, em todas as questões se verificou que os participantes já não se regem pelas representações sociais tradicionais para homens e mulheres. Isto contraria muitos dos estudos sobre o duplo padrão sexual (Allison & Risman, 2013; Sakaluk & Milhausen, 2012; Lyons et al., 2011; Young et al., 2010), que referem que atualmente ainda se verifica uma maior liberdade nos comportamentos sexuais dos homens do que das mulheres. No entanto, vai de encontro ao estudo de Weaver, Claybourn e MacKeigan (2013), no qual também não foram encontrados dados nos julgamentos dos jovens que comprovassem o duplo padrão sexual tradicional. Também na presente investigação as mulheres não foram julgadas negativamente por homens e por outras mulheres por serem “sexualmente ativas”, “darem a entender que estão preparadas para um encontro sexual” ou por “terem aventuras de uma noite”.

Os resultados desta hipótese levam-nos a pensar que o duplo padrão sexual tradicional pode também não se verificar tanto devido à diferença da nossa amostra, quanto ao sexo, uma vez que temos muito mais mulheres (N:192) do que homens (N:47) e, como já foi comprovado em muitos estudos (Allison & Risman, 2013; Sakaluk & Milhausem, 2012; Young et al., 2010), incluindo o nosso, o duplo padrão sexual tradicional é maioritariamente apoiado pelo sexo masculino. Ora, se temos menos homens e são eles quem mais apoia o duplo padrão sexual, teremos menos predominância deste fenómeno.

Relativamente à última hipótese (**A aceitação de um duplo padrão sexual e as crenças subjacentes ao mesmo exercem influência, tanto na vitimização, como na perpetração de situações de abuso**), foi possível observar que não existe correlação entre a

aceitação de um duplo padrão sexual e a vitimização e perpetração de situações de abuso. Uma vez mais isto pode dever-se à nossa amostra ser desequilibrada, relativamente ao sexo dos participantes. Contudo, ficaria aqui uma proposta para futuras investigações, com uma amostra mais equilibrada relativamente ao sexo, para perceber se de facto os jovens de hoje não possuem crenças e comportamentos controlados por um duplo padrão sexual ou se estas ainda existem, mas com maior prevalência no sexo masculino.

5. Limitações e implicações futuras

Apesar da maioria das conclusões deste estudo irem de encontro aos dados internacionais e nacionais encontrados, a presente investigação não está isenta de limitações, as quais serão apresentadas, no sentido de remeter propostas para estudos posteriores.

Uma das maiores limitações deste estudo foi a ausência de um instrumento validado para a população portuguesa, para avaliar este fenómeno. Isso implicou a criação de um instrumento, completamente de raiz e sem quaisquer dados de comparação. Por outro lado, é importante olhar para os resultados desta investigação com alguma precaução, pois os mesmos podem estar condicionados pela possível dificuldade dos indivíduos, na identificação dos comportamentos violentos. De qualquer modo, o questionário continuará a ser depurado e melhorado no sentido de culminar numa escala de violência nas relações ocasionais.

Outra das limitações desta investigação é a nossa amostra ser maioritariamente feminina, o que significa que estamos a comparar um elevado número de mulheres (N:192), a um reduzido número de homens (N:47), o que pode influenciar todos os resultados aqui apresentados. Tentamos colmatar esta limitação logo na primeira fase da recolha de dados, mas em todas as tentativas de equilíbrio da amostra, a resposta da população feminina ao apelo foi maior.

Apesar das implicações do presente estudo, parece-nos fundamental que se continue a apostar no desenvolvimento de novas investigações que abordem a temática em causa, razão pela qual, passaremos a sugerir questões para estudos futuros.

Parece-nos importante desenvolver estudos que examinem os contextos em que ocorre a violência nas relações ocasionais, visto tratar-se de um tipo de relação que não implica o contacto permanente entre os envolvidos. Outra das questões que nos parece fundamental, uma vez que alguns autores defendem que a violência nas relações de namoro e ocasionais

são um forte preditor da violência no casamento (Carneiro, 2013; Matos, 2000), é investigar o padrão evolutivo da violência ao longo das relações.

Por fim, é importante que se recorra a estudos com outro tipo de metodologia, como a qualitativa, com o intuito de aumentar o conhecimento teórico acerca desta problemática.

Conclusão

A presente dissertação teve como objetivos principais examinar a prevalência das relações ocasionais nos jovens portugueses, relacionar a violência nas relações ocasionais com as variáveis sociodemográficas em estudo, verificar qual o tipo de violência que predomina na amostra escolhida, perceber se a violência é um fenómeno unidirecional ou bidirecional e se a aceitação de um duplo padrão sexual possui influência nas experiências de violência dos jovens portugueses. Posto isto, julgamos que a nossa investigação possui dados relevantes para o estudo nesta área.

Um dos factos a salientar é que, face aos nossos dados, as relações ocasionais não se verificaram como o tipo de relação predominante junto da nossa amostra, já que apenas 37% relata possuir este tipo de relação. Outro dado curioso foi a idade mínima da primeira relação ocasional. Alguns participantes relataram que a sua primeira relação ocasional foi aos 8 anos, o que pode ser uma referência a jogos sexuais infantis, um dado importante para explorar-se em futuros estudos com metodologia qualitativa. Mas também um aspeto a acautelar na formulação desta pergunta no questionário definitivo. Por outro lado, remete-nos para a importância da realização de programas de educação sexual desde idades mais precoces.

O facto de a idade não estar relacionada com a violência sofrida neste estudo, deixa-nos com dúvidas, pois existem estudos que comprovam a sua relação (Carbone-Lopez, Rennison & Macmillan, 2011), e outros que obtiveram a mesma conclusão que a nossa investigação (Ferreira, 2011).

Quanto ao tipo de violência que mais se evidencia nas relações ocasionais, não nos surpreendeu que tenha sido a psicológica, uma vez que a maioria dos estudos internacionais e nacionais revela o mesmo (Fernandez-Fuertes & Fuertes, 2010; Rey-Anacona et al., 2010; Caridade & Machado, 2012). O mesmo se verifica relativamente à bidirecionalidade da violência, os nossos dados vieram corroborar o que, internacionalmente e nacionalmente defendem (Kaura & Lohman, 2009; Antunes & Caridade, 2012; Caridade & Machado, 2012).

Outro dado que nos deixou surpresos foi o facto de, na amostra do nosso estudo, o duplo padrão sexual tradicional não estar presente, os seja, tanto homens como mulheres

mostraram que já não se adequam às representações tradicionais impostas pela dupla moral. Através dos estudos que observamos, a nossa expectativa era que, de facto, ainda se verificasse um duplo padrão sexual, que daria mais liberdade sexual ao homem do que à mulher. Salientamos uma vez mais que isto pode ter ocorrido, pois a nossa amostra é maioritariamente feminina e o duplo padrão sexual está mais enraizado no sexo masculino (Allison & Risman, 2013; Sakaluk & Milhausem, 2012; Young et al., 2010).

Os resultados obtidos neste estudo corroboram muitos dos dados da investigação internacional e nacional e isso leva-nos a crer que as faixas etárias mais jovens não estão imunes à violência nas suas relações.

Podemos concluir que a incidência da violência nas relações dos jovens é um problema que não será de fácil resolução e que não é incomum junto dos jovens portugueses. É uma área que não está ainda devidamente estudada e explorada em Portugal, sendo muito poucos os estudos desenvolvidos e, por esta razão, esperamos que esta investigação demonstre a necessidade da realização de novos estudos e investigações.

Referências bibliográficas

- Allison, R., & Risman, B. (2013). A Double Standard for Hooking Up: How Far Have we come Toward Gender Equality? *Social Science Research*, 42(5), 1191-1206.
- Antunes, J. & Machado, C. (2012). Violência nas Relações Íntimas Ocasionais de uma Amostra Estudantil. *Análise Psicológica*, 30(1-2), 93-107.
- APAV (2013). *Estatísticas APAV: Relatório Anual 2013*. Consultado através de http://apav.pt/apav_v2/images/pdf/Estatisticas_APAV_Relatorio_Anual_2013.pdf
- Bandura, A. (2001). Social Cognitive Theory: an Agentic Perspective. *Annual Review of Psychology*, 50, 1-26. Doi: 10.1146/annurev.psych.52.1.1.
- BDJUR. (2011). Código Penal. Coimbra: Edições Almedina.
- Bonomi, A. E., Anderson, M. L., Nemeth, J., Bartle-Haring, S., Buettner, C. & Schipper, D. (2012). Dating Violence Victimization Across the Teen Years: Abuse Frequency, Number of Abusive Partners and Age of First Occurrence. *Public Health*, 12(637), 1-10
- Capaldi, D. M., Knoble, N. B., Shortt, J. W. & Kim, H.K. (2012). A Systematic Review of Risk Factors for Intimate Partner Violence. *Partner Abuse*, 3(2), 231-280. doi:10.1891/1946-6560.3.2.231.
- Carbone-Lopez, K., Rennison, C. M. & Macmillan, R. (2011). The Transcendence of Violence Across Relationships: New Methods of Understanding Men's and Women's Experiences of Intimate Partner Violence Across the Life Course. *Journal of Quantitative Criminology*, 28, 319-346. Doi: 10.1007/s10940/011-9143-9
- Caridade, S. (2011). *Vivências Íntimas Violentas, uma Abordagem Científica*. Coimbra: Almedina
- Caridade, S. & Machado, C. (2012). Violência nas Relações Juvenis de Intimidade: uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, 27(1), 91-113.
- Cantera, L. M & Blanch, J. M. (2010). Percepción Social de la Violencia en la Pareja desde los Estereotipos de Género Social. *Intervención Psicosocial*, 19(2), 121-127

Carneiro, A. L. V. (2013). *A violência no Namoro em Jovens Portugueses*. Dissertação de Mestrado (não publicada). Instituto Universitário da Maia, Maia.

Caron, S.L., Davis, C.M., Halteman, W.A. & Stickle, M. (1993). Predictors of Condom-Related Behaviors Among First-Year College Students. *Journal of Sex Research*, 30(3), 252-259

Chaves, J. F. (2010). As Percepções de Jovens sobre os Relacionamentos Amorosos na Actualidade. *Psicologia em Revista*, 16(1), 28-46. Doi 10.5752/P.1678-9563.2010V16N1P28

Connolly, J., Nocentini, A., Menesini, E., Pepler, D., Craig, W. & Williams, T. S. (2010). Adolescent dating aggression in Canada and Italy: A cross-national comparison. *International Journal of Behavioral Development*, 34(2), 98-105. Doi: 10.1177/0165025409360291

Dantas-Berger, S. & Giffin, K. (2005). A Violência nas Relações de Conjugalidade: invisibilidade e banalização da Violência Sexual? *Caderno Saúde Pública*, 21(2), 417-425

Del Campo, A. Fávero, M., Ferreira, F., & Silva. (2012). Violência Sexual nas Relações Amorosas Ocasionais em Jovens Portugueses Universitários. *Terapia Sexual*, 15(2), 57-69.

Dias, A. R., Machado, C., Gonçalves, R. A. & Manita, C. (2012). Repertórios Interpretativos sobre o Amor e as Relações de Intimidade de Mulheres Vítimas de Violência: amar e ser amado violentamente? *Análise Psicológica*, 30(1/2), 143-159

Dixe, M. A., Rodrigues, A. L., Frere, C., Rodrigues, G., Fernandes, M. & Dias, T. (2010). Violência de Género na Relação de Namoro em Estudantes do Ensino Superior: Práticas e Comportamentos de Violência. Comunicação apresentada no VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Braga. Retrieved from: <https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/334/1/A%20Viol%C3%Aancia%20de%20G%C3%A9nero%20na%20Rela%C3%A7%C3%A3o%20de%20Namoro%20em%20Estudantes%20do%20Ensino%20Superior%20Pr%C3%A1ticas%20e%20Comportamentos%20de%20Viol%C3%Aancia.pdf>

Dobash, R. P. & Dobash, R. E. (2004). Women's Violence to Men in Intimate Relationships. *The British Journal of Criminology*, 44(3), 324-349

- Durón, R. C. & González, R. D. C. (2012). Agresión y Violencia en América Latina. Perspectivas para su Estudio: Los otros son la Amenaza. *Espacio Abierto Cuaderno Venezolano de Sociología*, 21(4), 677-700.
- Ellsberg, E. & Heise, L. (2005). *Researching Violence Against Women: A Practical Guide for Researchers and Activists*. Washington: WHO
- Erlandsson, K., Nordvall, C. J., Ohman, A. & Haggstrom-Nordin, E. (2012). Qualitative Interviews with Adolescents about “Friends-with-Benefits” Relationships. *Public Health Nursing*, 30(1), 47-57. doi: 10.1111/j.1525-1446.2012.01040.x
- Fávero, M., Cardoso, A., Andrade, A. & Himmel, D. (2004). *Comportamentos Sexuais dos Adolescentes: um olhar sobre a prática do “curtir”*. Relatório de Investigação apresentado ao INCIFES, Não Publicado
- Fávero, M., Cardoso, A., Andrade, A. & Himmel, D. (2007). *Hooking Up: The Nature and Characteristics of Casual Sex in Adolescents and College Students*. Póster apresentado no XVII Congresso Mundial da WAS, Sydney, Austrália.
- Fávero, M., Ferreira, F., Silva, J. & Del Campo, A. (2012). Violência Sexual nas Relações Amorosas Ocasionais em Jovens Portugueses Universitários. *Terapia Sexual*, 15(2), 57-70.
- Fávero, M., Vasconcelos, J. G. & Del Campo, A. (2012). A violência nas relações amorosas dos adolescentes. *Terapia Sexual*, 15(2), 43-56
- Fernández-Fuertes, A. A. & Fuertes, A. (2010). Physical and Psychological Aggression in Dating Relationships of Spanish Adolescents: Motives and Consequences. *Child Abuse and Neglect*, 34(3), 183-191.
- Ferreira, M.J. S. (2011). *A violência no namoro: Estudo Exploratório de Caracterização das Reações dos Adolescentes face à Violência*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho, Braga.
- Ferreira, M. M. & Torgal, M. C. L. (2011). Estilos de Vida na Adolescência: Comportamento Sexual dos Adolescentes Portugueses. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 45(3), 589-595.

- Fielder, R. L. & Carey, M. P. (2010). Prevalence and Characteristics of Sexual Hookups Among First-Semester Female College Students. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 36(4), 346-359. Doi: 10.1080/0092623X.2010.488118
- Filho, D. B. & Júnior, J. A. (2010). Visão além do Alcance: uma Introdução à Análise Fatorial. *Opinião Pública*, 16(1), 160-185
- Gomes, N. P., Diniz, N. M. F., Araújo, A. J. S. & Coelho, M. F. (2007). Compreendendo a Violência Doméstica a partir das Categorias Gênero e Geração. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(4), 504-508
- Greene, K. & Faulkner, S. L. (2005). Gender, Belief in the Sexual Double Standard and Sexual Talk in Heterosexual Dating Relationships. *Sex Roles*, 53, 239-251
- Halpern-Meehin, S., Manning, W., Giordano, P. & Longmore, M. (2013). Relationship Churning, Physical Violence and Verbal Abuse in Young Adult Relationships. *Journal of Marriage and Family*, 75, 2-12
- Hamby, S. & Turner, H. (2012). Measuring Teen Dating Violence in Males and Females: Insights From the National Survey of Children's Exposure to Violence. *Psychology of Violence*, 3(4), 323-339
- Heise, L. & Garcia-Moreno, C. (2002). *World Report on Violence and Health*. Geneva: WHO
- Hyden, M. (1995). Verbal Aggression as Prehistory of Woman Battering. *Journal of Family Violence*, 10(1), 55-71
- Jewkes, R., Sen, P., García-Moreno, C. (2002). Sexual Violence. In: E.G. Krug et al. (Eds.). *World Report on Violence and Health*. Geneva: Organização Mundial da Saúde.
- Kaura, S. A. & Lohman, B. J. (2009). Does Acceptability of Violence Impact the Relationship Between Satisfaction, Victimization, and Commitment Levels in Emerging Adult Dating Relationships? *Journal of Family Violence*, 24(6), 349-359. Doi: 10.1007/s10896-009-9234-7
- Kerley, K. R., Xu, X., Sirisunyaluck, B. & Alley, J. M. (2010). Exposure to Family Violence in Childhood and Intimate Partner Perpetration or Victimization in Adulthood: Exploring Intergenerational Transmission in Urban Thailand. *Journal of Family Violence*, 25, 337-347

Koss, M. P. & Dinero, T. E. (1989). Discriminant Analysis of Risk Factors for Sexual Victimization Among a National Sample of College Women. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 57(2), 242-250.

Krug, E. & Dahlberg, L. (2002). *World Report on Violence and Health*. Geneve: WHO

Lima, M. & Schraiber, L. B. (2013). Violência e Outras Vulnerabilidades de Género em Mulheres Vivendo com HIV/Aids. *Temas em Psicologia*, 21(3), 947-960

Longhinrichsen-Rohling, J., Misra, T., Selwyn, C. & Rohling, M. (2012). A Systematic Review of Rates of Bidirectional versus Unidirectional Intimate Partner Violence. *Partner Abuse*, 3, 199-230

Lyons, H., Giordano, P.C., Manning, W.D. & Longmore, M.A. (2011). Identity, Peer Relationships and Adolescent Girl's Sexual Behavior: An Exploration of the Contemporary Double Standard. *Jornal of Sex Research*, 48(5), 437-449. Doi: 10.1080/00224499.2010.506679

Martins, J. S. & Gomes, P. S. (2011). Identidade, Desvio e Reputação no Grupo de Pares. *Antropológicas*,(12), 67-73.

Matos, M. (2000). Violência Conjugal: O processo de construção da identidade da mulher. Dissertação de Mestrado (não publicada), Universidade do Minho, Braga.

Mercy, J., Butchart, A., Farrington, D. & Cerdá, M. (2002). *World Reporto on Violence and Health*. Geneve, WHO

Miller, S. Gorman-Smith, D., Sullivan, T., Orpinas, P. & Simon, T. R. (2009). Parent and Peer Predictors of Physical Dating Violence Perpetration in Early Adolescence: Tests of Moderation and Gender Differences. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 38(4), 538-550. Doi: 10.1080/15374410902976270

Mongeau, P. A., Knight, K., Williams, J., Eden, J. & Shaw, C. (2013). Identifying and Explicating Variation Among Friends with Benefits Relationships. *Journal of Sex Research*, 50(1), 37-47. Doi: 10.1080/00224499.2011.623797

Morales- Reyes, A.C., Alonso-Castillo, M.M. & López-Garcia, K. S. (2011). Gender Violence Self-Esteem of Women of the City of Puebla *Revista Sanidad Militar*, 65(2). Retrieved from:

http://www.imbiomed.com/1/1/articulos.php?method=showDetail&id_articulo=72090&id_seccion=88&id_ejemplar=7206&id_revista=16

Mouzos, J. & Makkai, T. (2004). Women's experiences of male violence in Australia: Findings from the Australian component of the International Violence Against Women. Retrieved from: <http://www.aic.gov.au/documents/5/8/D/%7B58D8592E-CEF7-4005-AB11-B7A8B4842399%7DRPP56.pdf>

O'Leary, K.D., Tintle, N. & Bromet, E. (2014). Risk Factors for Physic Violence Against Partners. *Psychology of Violence*, 4(1), 65-77. Doi: 101037/a0034537

Oliveira, M. S. A. (2009). *Violência Intergeracional: da Violência na Família à Violência no Namoro*. (Tese de mestrado). Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Porto.

Oliveira, M. S. & Sani, A. I. (2009). A Intergeracionalidade da Violência nas Relações de Namoro. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, (6), 162-170.

Oliveira, M. S., Sani, A. I. & Magalhães, T. (2012). O Contágio Transgeracional da Agressividade. A propósito da Violência no Namoro. *Revista Portuguesa do Dano Corporal*, 23, 175-188.

Peixoto, J., Matos, M. & Machado, C. (2013, Janeiro). Violência Sexual no Namoro: os atletas universitários como grupo de risco? *Psicologia*, 27(1), 133-156.

Reed, E., Silverman, J. G., Raj, A., Decker, M. R. & Miller, E. (2011). Male Perpetration of Teen Dating Violence: Associations with Neighborhood Violence Involvement, Gender Attitudes and Perceived Peer and Neighborhood Norms. *Journal of Urban Health: Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 88(2), 226-239. Doi: 10.1007/s11524-011-9545-x

Reeves, P. M. & Orpinas, P. (2011). Dating Norms and Dating Violence Among Ninth Graders in Northeast Georgia: Reports From Student Surveys and Focus Groups. *Jornal of Interpersonal Violence*, 20(10), 1-22

Rey-Anacona, C. A., Mateus-Cubides, A. M. & Bayona-Arévalo, P. A. (2010). Malos Tratos Ejercidos por Adolescentes durante el Noviazgo: Diferencias por Sexo. *Revista Mexicana de Psicología*, 27(2), 169-181.

- Richards, M. H., Crowe, P. A., Larson, R. & Swarr, A. (1998). Developmental Patterns and Gender Differences in the Experience of Peer Companionship during Adolescence. *Child Development*, 69(1), 154-163.
- Roberts, A. L., Gilman, S. E., Fitzmaurice, G., Decker, M. R. & Koenen, K. C. (2010). Witness of Intimate Partner Violence in Childhood and Perpetration of Intimate Partner Violence in Adulthood. *Epidemiology*, 21(6), 809-18
- Rudman, L. A., Fetterolf, J. C. & Sanchez, D. T. (2013). What Motivates the Sexual Double Standard? More Support for Male versus Female Control Theory. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 39(2), 250-63
- Sakaluk, J. K. & Milhausen, R. (2012). Factors Influencing University Students' Explicit and Implicit Sexual Double Standard. *Journal of Sex Research*, 49(5), 464-476. Doi: 10.1080/00224499.2011.569976
- Schraiber, L. B., Barros, C. R., Couto, M. T., Figueiredo, W. S. & Albuquerque, F.P. (2012). Homens, Masculinidade e Violência: estudo em serviços de atenção primária à saúde. *Revista Brasileira Epidemiologia*, 15(4), 790-803
- Sierra, J. C., Rojas, A., Ortega, V. & Ortiz (2007). Evaluación de Actitudes Sexuales Machistas en Universitarios: primeros datos psicométricos de las versiones españolas de la Double Standard Scale (DSS) y la Rape Supportive Attitude Scale (RSAS). *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 7(1), 41-60
- Silverman, J., McCauley, H., Decket, M., Miller, E., Reed, E. & Raj, A. (2011). Coercive Forms of Sexual Risk and Associated Violence Perpetrated by Male Partners of Female Adolescents. *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, 43(1), 60-65. Doi: 10.1363/4306011
- Smeha, L. N. & Oliveira, M. V. (2013). Os Relacionamentos Amorosos na Contemporaneidade sob a Óptica dos Adultos Jovens. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 15(2). Retrieved from: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/viewFile/4298/4450>
- Short, M. B., Catalozzi, M., Breitkopf, C. R., Auslander, B. A. & Rosenthal, S. L. (2013). Adolescent Intimate Heterosexual Relationships: Measurement Issues. *Journal of Pediatric and Adolescent Gynecology*, 26(1)3-6.

- Straus, M. A. (1979). Measuring Intrafamily Conflict and Violence. The Conflict Tactics (CT) Scales. *Journal of Marriage and the Family*, 41(2), 75- 86.
- Straus, M. A. (2011). Gender Symmetry and Mutuality in Perpetration of Clinical-Level Partner Violence: Empirical Evidence and Implications for Prevention and Treatment. *Aggression and Violent Behavior*, 16(4), 279-288. doi: 10.1016/j.avb.2011.04.010
- Testa, M., Hoffman, J. H. & Leonard, K. E. (2011). Female Intimate Partner Violence Perpetration: Stability and Predictors of Mutual and Non-Mutual Aggression Across the First Year of College. *Aggression Behavior*, 37(4), 362-373. doi: 10.1002/ab.20391.
- Sugarman, D. B. & Hotaling, G. T. (1989). Violent Men in Intimate Relationships: An Analysis of Risk Markers. *Journal of Applied Social Psychology*, 19(12), 1034-1048. Doi: 10.1111/j.1559-1816.1989.tb01237.x
- Weaver, A.D., Clayourn, M. & MacKeigan, K. (2013). Evaluations of Friends-with-Benefits Relationship Scenarios: Is There Evidence of a Sexual Double Standard? *Canadian Journal of Human Sexuality*, 22(3), 152-159
- Wolfe, D. (2000). Dating Violence Through the Lens of Adolescent Romantic Relationship. *Child Maltreat*, 5, 360-363
- Young, M., Penhollow, T.M., & Bailey, W.C (2010). Hooking-Up and Condom Provision: Is There a Double Standard? *American Journal of Health Studies*, 25(3), 156
- Zimmer-Gembeck, M. J., Siebenbruner, J. & Collins, W. A. (2001). Diverse aspects of dating: Associations with Psychosocial Functioning from Early to Middle Adolescence. *Journal of Adolescence*, 24, 313-336
- Zorrilla, B., Pires, M., Lasheras, L., Morant, C., Seoane, L., Sanchez, L.M., Galán, I., Aguirre, R., Ramirez, R. & Durbán, M. (2009). Intimate Partner Violence: Last Year Prevalence and Association with Socio-Economic Factors Among Women in Madrid, Spain. *European Journal of Public Health*, 20(2), 169-175. Doi: 10.1093/eurpub/ckp143

